

Conheça as publicações **MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO**

PARA A PREPARAÇÃO AO CASAMENTO

"Amor e Casamento"

UM LIVRO ÚTIL PARA PRESENTEAR OS QUE VÃO SE CASAR.
LINGUAGEM SIMPLES, ILUSTRAÇÕES E ORIENTAÇÕES PARA O CASAL

"O Assunto é Casamento"

O MELHOR MANUAL PARA OS AGENTES DA PREPARAÇÃO AO CASAMENTO. TE DE INTERESSE E AMPLA ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA E DIDÁTICA

TEMÁRIOS PARA REUNIÕES DE GRUPOS

"Ponto de Partida"

PARA GRUPOS DE CASAIS OU FAMÍLIAS, ABORDANDO QUESTÕES SOBRE COMPORTAMENTOS E ATITUDES CONSTRUTIVAS OU GERADORAS DE PROBLEMA NA VIDA CONJUGAL E FAMILIAR

"Um Passo Adiante"

TEMÁRIO MAIS AVANÇADO SOBRE RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS, COMPROMISSO CRISTÃO NO MUNDO E INICIAÇÃO À REFLEXÃO TEOLÓGICA. LINGUAGEM SIMPLES

"Pés na Terra"

REFLEXÕES MAIS ELABORADAS PARA GRUPOS COMPROMETIDOS COM O SERVÍCIO ÀS FAMÍLIAS

PEDIDOS AO MFC DA SUA CIDADE OU À LIVRARIA DO MFC

Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional

Maria Sebastiana (Sebá) Leão
J. Geraldo e Ma. do Carmo Silva
Mainá e Mara Souza
Veridiano e Ivonete Borges
Tales e Ma. Thereza Silva
Carlos Alberto e Ma. Nilza Mendes

João e Eliana Prior
Geraldo Rizzo e Ineuza Bomeisel
Maria Aparecida Eduardo
Elias e Hermínia Mariano
Manza Leão
Luiz Carlos e Rita Martins

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Assinaturas, Encomendas,
Revendas e Correspondência

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento aos Assinantes
R. Vde. do Rio Branco, 633/1002
24020-005 Niterói - RJ
Tel/Fax (21) 2717-4878
E-mail: texere@uol.com.br

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: ivanleda@uol.com.br

Agência Promoção de Vendas
Atendimento Revendedores MFC

Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro-RJ
Tel. (21) 2215-1401
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Fotolito e Impressão

Primal Artes Gráficas
Rua São João, 25 - sjl
Niterói - Rio de Janeiro
Tels.: (21) 2722-3776
2621-5278 Fax: 2722-3777

Data desta edição: Fevereiro
2003

Sumário

O ovo da serpente, 2 - Helio e Selma Amorim
Por que tantos casamentos se desfazem? 5

- Deonira La Rosa

O Rei, 7 - Beatriz Reis

A pobreza da riqueza, 8 - Cristovam Buarque
Fato, foto e razão, 11

O rosto amazônico: desafio dos cristãos, 12
- Maria das Graças Tapajós

Pecados capitais, 15 - Frei Betto

Sedução, 17 - Maria Helena Brito Izzo

Estatutos do Homem, 20 - Thiago de Melo

Fome Zero - o lucro das classes médias, 22

Sem contabilidade, 25 - Rubem Alves

Educação e violência na TV, 28 - Frei Betto

Nenhum ser humano é descartável, 32

- Marcos Rolim

Desencontros Conjugais, 34 - Deonira La Rosa

Não fique assim tão sério, 37

Amai-vos e multiplicai-vos, 41

- Alex Gasparini

Pelo celibato optativo, 43 - Frei Betto

Retrocesso na luta das mulheres, 45

- Rita Camata

Ainda essa droga que é uma droga, 46

- Helio Amorim

A identidade crística do leigo, 49

- Maria Clara Bingemer

Um outro mundo é possível, 51

- Marcelo Barros

Na casa da vovó, 52 - Maria Helena Brito Izzo

A voz dos adolescentes, 54 - Deonira La Rosa

Homossexualismo, 56 - Rubem Alves

Somos homens-bombas, 58

Civilização vale-tudo, 61 - Pe. Zezinho

A educação do olhar, 63 - Frei Betto

Ser "naturalmente" apaixonado, 65

- Alex Gasparini

Os filhos da solidão, 66 - Marcos Rolim

Sonhos e paixões, 68

Redes de solidariedade às crianças, 70

- Marcelo Barros

Diferenças culturais, 72 - Ana Maria Machado

Formação Participativa, 76 - Equipe MFC Porto Alegre - Coord. Deonira La Rosa

**Helio e
Selma Amorim**

O ovo da serpente

Pais assustados, a população perplexa: o que está acontecendo? Gangues de jovens bem nutritos, de famílias das classes médias e ricas, arrombam apartamentos ou assaltam motoristas. À noite vão provocar brigas nas boates de luxo. Ou saem para comemorar a aprovação no vestibular e matam a pauladas o pobre garçom do restaurante que reclama da bagunça.

Essa violência que empapa a sociedade entra em casa com sua ferocidade estúpida. Filhas, com namorados cúmplices, planejam e matam os pais e vão para a festa ou motel.

Os casos se multiplicam. A TV acompanha e filma a reconstituição dos crimes. As cenas brutais chegam às famílias de todo o país. Nas clínicas psicológicas crescem as revelações de violências internas nas famílias das classes médias, a nível crescente de brutalidade física e psíquica.

Não se trata mais, ou somente, da violência associada à miséria, ou localizada nas favelas em que se refugia a pobreza extrema. Não é mais apenas a violência nas disputas de territórios de venda de drogas, quando traficantes e seus pobres soldados adolescentes se enfrentam, e as famílias bem situadas na vida, protegidas pelas grades de seus condomínios imponentes, consideram episódios normais. Dirão, com o copo de whisky na mão: "que se matem, são mesmo bandidos!"

Agora, o quadro é outro. A violência explode em classes sociais em que não faltaram recursos materiais, boa alimentação, conforto, oportunidades de educação primorosa, de estudos sem obrigação de trabalho antes da formatura universitária, com carro aos dezoito anos como "presente" pela aprovação no vestibular... e o que acontece? Justamente pelo excesso de facilidades e permissividade, um estranho desencanto com a vida, a fuga para a droga, a exacerbação de um impulso predatório e agressivo

contra todos que a ele se oponham, em especial contra a família.

Se entramos em sua intimidade, vamos adivinhando o processo que desgasta progressivamente as relações internas em muitas famílias das classes privilegiadas: a alienação e ausência dos pais, a falta de diálogo e de expressões de afeto resultam em frieza e indiferença crescentes. Essas relações degradadas evoluem progressivamente para o desprezo, desrespeito, hostilidade e desamor.

Por outro lado, nem sempre os comportamentos sociais, familiares e profissionais dos pais são exemplos edificantes, no ambiente social aético e corrupto em que muitos se movem. As relações familiares vão assim se tornando conflitivas. Nesse estágio, tudo pode acontecer. E, como vemos, está acontecendo, em escala trágica, em muitas famílias.

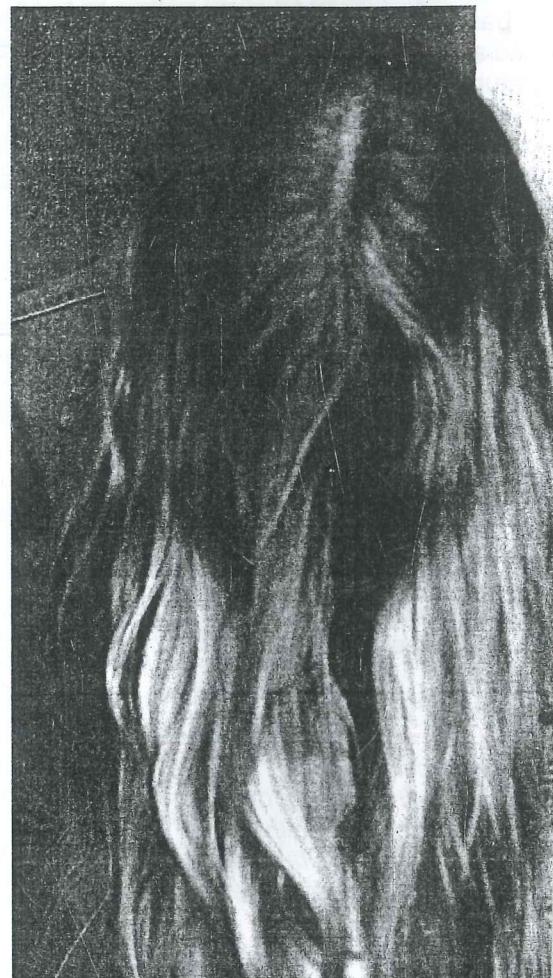
O combustível dessas tragédias mais recentes, com o tempero dos desencontros entre pais e filhos que podem chegar ao nível de ódio insano, parecem ser os de sempre: desagregação familiar, ausência de um projeto de vida, muitas vezes as drogas e necessidade de dinheiro para comprá-las.

Surge então uma nova paranóia social, por

medo de uma onda de crimes dessa natureza. Muitos pais já devem estar mirando seus filhos com desconfiança. Pelas atitudes agressivas, surge, quem sabe, o temor de ser algum dia manchete de jornal.

Os episódios recentes que se vão revelando, são de fato assustadores. Convidam as famílias a refletir sobre a vivência e transmissão de valores éticos e familiares que andam meio esgarçados na sociedade moderna, individualista e consumista.

A correria para aumentar a



renda familiar e responder aos apelos da propaganda para o consumo desvairado comanda a vida da família. Já não sobra tempo para o diálogo e a expressão habitual da afetividade que criaria laços consistentes, se praticados desde cedo, especialmente na complicada fase da adolescência. As ausências e omissões e o conseqüente desgaste das relações familiares resultam em jovens inseguros, mais vulneráveis à tentação da auto-afirmação pela violência e rebeldia social. Podem chegar às drogas e muitas vezes à adesão a grupos do tráfico. Surgem os bando de *pit-boys* de classe média que cultivam a violência gratuita. Até que um dia, esses jovens se vêem planejando loucuras. Então será tarde demais. Depois de cada tragédia, o lamento tardio: "Onde foi que erramos?"

- ❖ *O que está acontecendo? No mundo, em nosso país, na nossa cidade...*
- ❖ *Quais serão os valores que estão sendo esquecidos?*
- ❖ *Que conselhos daríamos para pais perplexos diante de comportamentos anti-sociais de seus filhos?*

Sabedoria

Um fazendeiro todo ano entrava com seu milho na feira e ganhava o maior prêmio. Um vez, um repórter descobriu que o fazendeiro compartilhava a sua semente de milho com seus vizinhos.

"Como pode você compartilhar sua melhor semente com seus vizinhos, quando eles estão competindo com o seu a cada ano?" perguntou o repórter.

"Por que?" - respondeu o fazendeiro. "É que o vento apanha pólen do milho maduro e o leva através do vento de campo em campo. Se meus vizinhos cultivam milho inferior, a polinização degradará continuamente a qualidade de meu milho. Se eu for cultivar milho bom, eu tenho que ajudar meus vizinhos a cultivar milho bom!"

Ele era atento aos fatos da vida. O milho dele não poderia melhorar se o milho dos vizinhos também não melhorasse.

Esse quadro sombrio, entretanto, não é o predominante. Ainda são maioria as famílias que exercem com maior ou menor êxito a sua função de formadora de pessoas, transmissora da fé e valores éticos, e de conscientização dos seus membros para uma inserção transformadora nas estruturas da sociedade.

Os jovens reconhecem a importância da família, mesmo quando ela não funciona bem. Recente pesquisa da UNESCO no Brasil indicou que 95% dos jovens assinalaram a família como a mais importante das estruturas sociais.

Não há lugar, portanto, para a desesperança, mas de cuidado. Omissões e alienação podem fazer de uma família um ovo de serpente, de repente surpreendida pelo monstro que gerou.

Conforme o censo de 2000, há no Brasil 5.115.853 indivíduos cujo casamento terminou em separação. Esse número inclui apenas as pessoas que, separadas, permanecem solteiras, excluindo todas aquelas que voltaram a casar-se.

Por que tantos casamentos se desfazem?

Deonira L. Viganó La Rosa*

Seria uma pretensão arrogante querer reduzir esse fenômeno a algumas poucas explicações. O significado do casamento na nossa época é profundamente diferente de seu significado em toda sua história anterior, quando ele estava fortemente inserido na estrutura econômica, social e religiosa da sociedade.

Hoje, a mudança do papel da mulher, e consequentemente do homem, a crescente mobilidade da nossa cultura, os efeitos dos contraceptivos e das concepções de laboratório, a luta da mulher por um lugar na política e na vida econômica do país, os casamentos tardios, a presença da internet no lar que, além de abrir todo tipo de comunicação com os sistemas extra-familiares, traz a cada parceiro uma infinidade de opções para a satisfação de suas patologias e se constitui em refúgio para o fracasso em criar intimidade com seu par, são variáveis que, entre outras, estão forçando uma redefinição do casamento e da família.

Talvez, um dos mais importantes fatores a ser considerados, seja a dificuldade que o casal e a família encontram em aceitar e/ou elaborar essas mudanças de nossos tempos. Ou estagnam, repudiando toda mudança, ou se desagregam porque absorvem as mudanças indiscriminadamente.

Negar ou exorcizar os fatos não levará família alguma a permanecer constituída. Antes, é na reflexão e no diálogo, baseados em suas crenças, que o casal e a família descobrirão o que vale para eles e quais os critérios que orientarão suas escolhas.

Casamentos desfeitos - uma outra análise

Parece interessante fazer outro tipo de análise nesse fenômeno das separações dos casais. Trata-se da *competitividade* e do *individualismo* que hoje, mais do que nunca, entram nos casamentos quais gigantes ameaçadores da relação, inibidores da comunhão e da partilha, sendo estas tão indispensáveis ao casamento como o são o homem e a mulher, individualmente.

A vida do casal situa-se no ponto intermediário entre *comunhão* (*comunidade*) e *diferenciação* (*individualidade*). Na base dos conflitos de casal pode-se encontrar o desenvolvimento incorreto dessas duas linhas. Muitas pessoas

chegam ao casamento comportando-se como se fossem o mundo inteiro: "Só eu existo", "você está a meu serviço", ou o contrário: "Eu não existo, só você é alguém". Um Eu ou um Tu fortes demais, que derrotam o Nós. Um Eu ou um Tu fracos demais, provocando a mesma derrota do Nós. E onde não há equilíbrio de forças entre o Eu, o Tu e a RELAÇÃO - o Nós -, não há casamento que possa subsistir, pelo menos de maneira saudável e como ambiente primordial para o processo de individuação dos filhos.

No excesso ou na falta de individuação, que impossibilitam o funcionamento do Nós, pode estar uma das raízes da incapacidade de negociar, tolerar, reinventar. Uma incapacidade de manter o próprio casamento.

Mais do que nunca, a vida moderna está a exigir de qualquer casal uma grande capacidade de resolver / administrar problemas. O casamento requer que os parceiros renegociem juntos miríades de questões que eles já haviam definido para si mesmos em termos individuais ou que já haviam sido historicamente definidas por suas famílias de origem.

O que conservar e fortalecer no indivíduo e o que renunciar para reforçar a comunhão? Quanto aproximar-se e quanto distanciar-se, eis a questão permanente.

*Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia.

"Como são admiráveis as pessoas que não conhecemos muito bem." (Millôr Fernandes)

O Rei

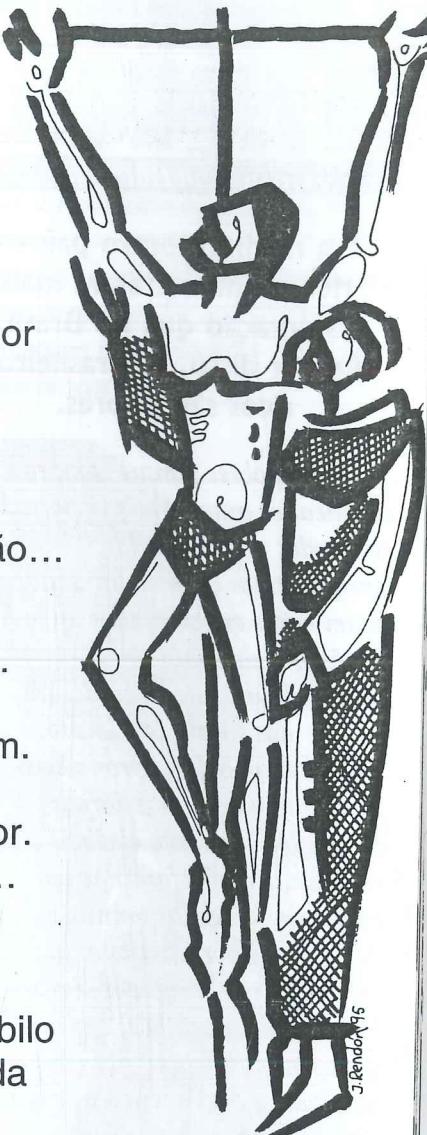
Beatriz Reis

Ouvi gritos de alegria
a cidade estava em festa.
Era chegado o Rei,
com o mundo a seus pés.
Pensei em ir vê-lo,
mas estava ocupada,
descascando legumes...

Ouvi discussões, gritos de dor
a cidade gemia aflita.
Era o povo julgando o Rei.
Pensei em procurá-lo,
em lhe dizer meu amor.
Permaneci lavando meu chão...

Percebi o silêncio pesado,
o sono da lua e das estrelas.
Haviam condenado o Rei,
por não ser o que esperavam.
Desejei morrer com ele,
gritar-lhe minha fé, meu amor.
Havia tanta roupa a passar...

Saiu o Rei do sepulcro
à primeira luz da manhã
cantavam os homens seu júbilo
sem romper o silêncio da vida
com o coração aos saltos,
ouvi o som de sua flauta,
mas o mundo, em desordem, me esperava...



A pobreza da riqueza

Cristovam Buarque*

Em nenhum outro país os ricos demonstraram mais ostentação que no Brasil. Apesar disso, os brasileiros ricos são pobres.

São pobres porque compram sofisticados automóveis importados, com todos os exagerados equipamentos da modernidade, mas ficam horas engarrafados ao lado dos ônibus de subúrbio. E, às vezes, são assaltados, seqüestrados ou mortos nos sinais de trânsito. Presenteiam belos carros a seus filhos e não voltam a dormir tranqüilos enquanto eles não chegam em casa. Pagam fortunas para construir modernas mansões, desenhadas por arquitetos de renome, e são obrigados a escondê-las atrás de muralhas, como se vivessem nos tempos dos castelos medievais, dependendo de guardas que se revezam em turnos.

Os ricos brasileiros usufruem privadamente tudo o que a riqueza

Este artigo foi escrito antes das mudanças no quadro político brasileiro. Segue sendo uma advertência aos que se opõem às mudanças estruturais que, pelo voto de 2002, o povo brasileiro disse que quer.

lhes oferece, mas vivem encalacrados na pobreza social. Na sexta-feira, saem de noite para jantar em restaurantes tão caros que os ricos da Europa não conseguiriam freqüentar, mas perdem o apetite diante da pobreza que ali por perto arregala os olhos pedindo um pouco de pão; ou são obrigados a ir a restaurantes fechados, cercados e protegidos por policiais privados. Quando terminam de comer escondidos, são obrigados a tomar carro à porta, trazido por um manobrista, sem o prazer de caminhar pela rua, ir a um cinema ou teatro, depois continuar até um bar para conversar sobre o que viram. Mesmo assim, não é raro que o pobre rico seja assaltado antes de terminar o jantar, ou depois, na estrada a caminho de casa.

Felizmente isso nem sempre acontece, mas certamente, a viagem é um susto durante todo o caminho. E, às vezes, o sobressalto continua, mesmo dentro de casa.

Os ricos brasileiros são pobres de tanto medo. Por mais riquezas que acumulem no presente, são pobres na falta de segurança para usufruir o patrimônio no futuro. E vivem no susto permanente diante das incertezas em que os filhos crescerão.

Os ricos brasileiros continuam pobres de tanto gastar dinheiro apenas para corrigir os desacertos criados pela desigualdade que suas riquezas provocam: em insegurança e inficiência. No lugar de usufruir tudo aquilo com que gastam, uma parte considerável do dinheiro nada adquire, serve apenas para evitar perdas.

Por causa da pobreza ao redor, os brasileiros ricos vivem um paradoxo: para ficarem mais ricos têm de perder dinheiro, gastando cada vez mais apenas para se proteger da realidade hostil e ineficiente.

Quando viajam ao exterior, os ricos sabem que no hotel onde se hospedarão serão vistos como assassinos de crianças na Candelária, destruidores da Floresta Amazônica, usurpadores da maior concentração de renda do planeta, portadores de malária, de dengue e de verminoses. São ricos empobrecidos pela vergonha que sentem ao serem vistos pelos olhos estrangeiros.

Na verdade, a maior pobreza dos ricos brasileiros está na

incapacidade de verem a riqueza que há nos pobres. Foi esta pobreza de visão que impediu os ricos brasileiros de perceberem, cem anos atrás, a riqueza que havia nos braços dos escravos libertos se lhes fosse dado direito de trabalhar a imensa quantidade de terra ociosa de que o país dispunha. Se tivessem percebido essa riqueza e libertado a terra junto com os escravos, os ricos brasileiros teriam abolido a pobreza que os acompanha ao longo de mais de um século. Se os latifúndios tivessem sido colocados à disposição dos braços dos ex-



escravos, a riqueza criada teria chegado aos ricos de hoje, que viveriam em cidades sem o peso da imigração descontrolada e com uma população sem miséria.

A pobreza de visão dos ricos impediu também de verem a riqueza que há na cabeça de um povo educado. Ao longo de toda a nossa história, os nossos ricos abandonaram a educação do povo, desviaram os recursos para criar a riqueza que seria só deles, e ficaram pobres: contratam trabalhadores com baixa produtividade, investem em modernos equipamentos e não encontram quem os saiba manejar, vivem rodeados de compatriotas que não sabem ler o mundo ao redor, não sabem mudar o mundo, não sabem construir um novo país que beneficie a todos. Muito mais ricos seriam os ricos se vivessem em uma sociedade onde todos fossem educados.

Para podermos usar os seus caros automóveis, os ricos construíram viadutos com dinheiro de colocar água e esgoto nas cidades, achando que, ao comprar água mineral, se protegiam das doenças dos pobres. Esqueceram-se de que precisam desses pobres e não podem contar com eles todos os dias e com toda saúde, porque eles (os pobres) vivem sem água e sem esgoto.

Montam modernos hospitais, mas têm dificuldades em evitar infecções porque os pobres trazem de casa os germes que os contaminam.

Com a pobreza de achar que poderiam ficar ricos sozinhos, construíram um país doente e vivem no meio da doença.

Há um grave quadro de pobreza entre os ricos brasileiros. E esta pobreza é tão grave que a maior parte deles não percebe. Por isso a pobreza de espírito tem sido o maior inspirador das decisões governamentais das pobres ricas elites brasileiras. Se percebessem a riqueza potencial que há nos braços e nos cérebros dos pobres, os ricos brasileiros poderiam reorientar o modelo de desenvolvimento em direção aos interesses de nossas massas populares. Liberariam a terra para os trabalhadores rurais, realizariam um programa de construção de casas e implantação de redes de água e esgoto, contratariam centenas de milhares de professores e colocariam o povo para produzir para o próprio povo.

Esta seria uma decisão que enriqueceria o Brasil inteiro - os pobres que sairiam da pobreza e os ricos que sairiam da vergonha, da insegurança e da insensatez.

Mas isso é esperar demais. Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.

*Ministro da Educação, Escritor e Senador



A foto de Josenildo Tenório publicada no O GLOBO mostra dramaticamente a fome no Brasil, agravada pela prolongada seca no Nordeste. Só na região castigada pela longa estiagem, são milhões de brasileiros que dependem de moedas jogadas na beira da estrada por caminhoneiros que se sensibilizam por cartazes toscos exibidos por mulheres e crianças esquálidas.

o fato

Para o governo anterior, são 22 milhões os brasileiros em situação de indigência. Para o novo governo são 44 milhões. Estatísticas à parte, o escândalo é insuportável. A fome e desnutrição nas classes miseráveis contrastam com a abundância, o esbanjamento e o desperdício praticado nas classes sociais privilegiadas, separadas por poucas centenas de metros dentro da mesma cidade, ou por alguns quilômetros numa mesma região.

a razão

O modelo econômico que tem prevalecido no mundo vai radicalizando a subordinação dos povos à lógica tirânica do mercado globalizado, ora calmo, ora "nervoso", que tem tido o direito a prioridades de pagamento pontual dos fartos juros aos investidores e especuladores. Programas sociais ainda tímidos só dispõem dos recursos que sobram nessa partilha injusta. Sinais de mudança nessa lógica no novo quadro político brasileiro fazem renascer esperanças. Mas a "Fome Zero" depende de maciça adesão e solidariedade do povo, com muito trabalho voluntário e disposição de partilhar bens materiais, trabalho, tempo e saber. Um desafio a todas as pessoas de boa vontade e uma responsabilidade grave para os cristãos.



“O Espírito do Senhor está sobre mim, consagrou-me a unção para anunciar a Boa Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a restituição da vista, para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça da parte do Senhor”. (Lc 4,18-19)

O rosto amazônico e o desafio dos cristãos

Maria das Graças Tapajós

As Igrejas locais da Amazônia buscam um caminhar com novas perspectivas evangelizadoras e têm como marco de tomada de posição o documento *“A Igreja se faz Carne e arma sua Tenda na Amazônia”*. Este novo fazer retrata o seu rosto amazônico para a prática da inculturação da fé nas

diversas culturas locais, considerando que na Amazônia existe uma enorme diversidade cultural: indígenas, negros, seringueiros, ribeirinhos e pescadores que clamam por sua libertação do jugo opressor.

O rosto amazônico desperta para uma prática missionária em

que a inculturação se dê pela encarnação na realidade. Essa encarnação vital e de ação é que podemos identificar como prática do “verbo encarnado”. Para esta prática inovadora é necessário que todos os segmentos da igreja busquem um entrosamento, uma empatia com todos os núcleos humanos, comunidades indígenas e afros e todos os marginalizados. A Igreja no fazer dos religiosos e leigos procura despir-se de uma cultura cristã marcadamente eurocêntrica e do aprisionamento do Cristianismo, considerando que a cultura representa a forma particular em que se apresenta a vida humana. O Cristianismo precisa ter outros rostos, além do branco europeu.

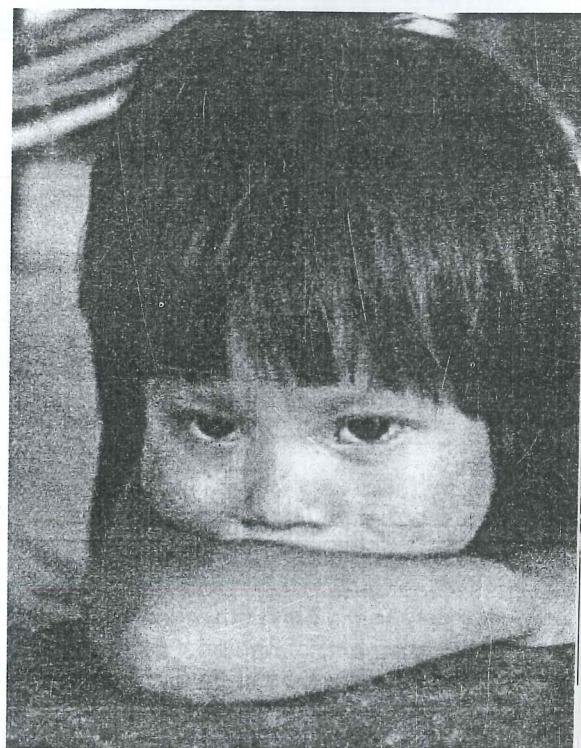
Mas não basta pegar alguns elementos das culturas dominadas e coloca-los nas celebrações, de modo deslocado, apenas para mostrar um certo progressismo:

“Pensas e flechas indígenas integradas às liturgias romanas geralmente são apenas um sinal de aculturação vertical e folclórica, e não de uma evangelização inculturada”. (Paulo Suess)

Essa tomada de decisão das Igrejas da Amazônia demonstra a relação entre o Evangelho e a

Cultura. Aqui destaco a prática de alguns religiosos e leigos que atuam no grupo Consciência Indígena (GCI), que vem realizando um trabalho de formação e despertar das consciências das populações indígenas, especialmente na região dos rios Tapajós e Arapiuns, nos municípios de Santarém, Belterra e Aveiro (Pará).

O grupo reúne irmãos e irmãs franciscana, membros do MFC, estudantes, sociólogos e pedagogos que buscaram suas raízes indígenas, e partiram para um trabalho junto aos seus parentes, com objetivo de resgatar sua identidade étnico-cultural e fazer com que voltassem a afirmar-se como povos indígenas. Damos atenção para a revalorização das



crenças, costumes e tradições, ao mesmo tempo que apoiamos a luta por saúde, educação e demarcação das suas terras.

Esses valores que vem sendo resgatados com os nossos irmãos indígenas podemos identificá-los como milagres, sendo resultado de um lento trabalho de formação de consciência, auto-estima e cidadania. É um trabalho que rompe com os ciclos exterminadores das culturas nativas, levados a cabo ao longo da história da colonização, com a ajuda decisiva da própria Igreja Católica.

Para o encontro refletimos sobre milagres. Os milagres de Jesus nós fazemos acontecer de forma concreta em nossa prática evangelizadora. Unir nossa fé e ação é sair do mundo de um deus

teórico para o Reino de um Deus da práxis. É como afirma Lucas. "libertar os presos, dar vista aos cegos..."

Trata-se de restaurar o ser humano de corpo e alma, respeitando e valorizando seus sentimentos, símbolos e suas práticas culturais.

Portanto, ser cristão hoje é "construir outros 500 anos, fazendo milagres na história, fazendo uma história de milagres, construídos no cotidiano, em gestos e atitudes. É fazer algo concreto em favor do ser humano para desfrutar de uma vida nova, sem exclusões e discriminações."

*Pedagoga - Grupo Consciência Indígena (GCI) e Movimento Familiar Cristão (MFC)
Santarém, PA.

O que é ser marqueteiro. -ou como escolher a frase certa...

Havia um cego que pedia esmola na entrada do Viaduto do Chá, em São Paulo. Todos os dias, de manhã e à noite, passava por ele um publicitário que deixava sempre algumas moedas no chapéu do pedinte. O cego trazia pendurado no pescoço um cartaz com a frase:
"Cego de nascimento, uma esmola por favor".

Certa manhã o publicitário teve uma idéia, virou o letreiro do cego ao contrário e escreveu outra frase. À noite depois de um dia de trabalho perguntou ao cego como é que tinha sido seu dia. O cego respondeu, muito contente:

"Parece mentira, mas hoje foi um dia extraordinário. todos que passavam por mim deixavam alguma coisa. afinal o que é que o senhor escreveu no letreiro?"

O publicitário havia escrito uma frase breve, mas com sentido e carga emotiva suficientes para convencer os que passavam a deixarem algo para o cego. A frase era:

"Na semana que vem chegará a primavera e eu não poderei vê-la".

Todos os pecados capitais, sem exceção, são tidos como virtudes nessa sociedade neoliberal corroída pelo afã consumista.

PECADOS CAPITAIS

Frei Betto

A inveja é estimulada no anúncio da moça que, agora, possui um carro melhor do que o de seu vizinho.

A avareza é o mote das cadernetas de poupança.

A cobiça inspira todas as peças publicitárias, do Carnaval a bordo no Caribe ao tênis de grife das crianças.

O orgulho é sinal de sucesso dos executivos bem sucedidos, que possuem lindas secretárias e planos de saúde eterna.

A preguiça fica por conta das confortáveis sandálias que nos fazem relaxar, cercados de afeto, numa lancha ao Sol.

A luxúria é marca registrada da maioria dos clipes publicitários, em que jovens esbeltos e garotas esculturais desfrutam uma vida saudável e feliz ao consumirem bebidas, cigarros, roupas e cosméticos.

Enfim, a gula subverte a alimentação infantil na forma de chocolates, refrescos, biscoitos e margarinas, induzindo-nos a crer que sabores são prenúncios de amores.

Há nas tradições religiosas uma

sabedoria de vida. Despidos de preconceitos, se refletirmos bem sobre os sete pecados capitais veremos que cada um deles se refere a uma tendência egoísta que traz frustração e infelicidade.

A cobiça nos faz reféns do mercado e dos modismos, atraindo-nos ao buraco negro de irregularidades que, miragens no deserto, nos prometem dinheiro fácil e status de Primeiro Mundo.

A avareza ensina a acumular dinheiro mesmo quando ele precisaria ser investido na melhoria de nossa qualidade de vida.

Rendimentos passam a ser mais importantes que investimentos, como o caramujo que, por carregar a casa nas costas, se arrasta lento pela vida.

A luxúria nasce nos olhos, agita a mente e perturba o coração. O objeto do desejo aliena do amor enquanto projeto, aprisionando-nos no jogo narcísico da sedução. A gula aumenta o colesterol, deforma o corpo e entristece o espírito.

O orgulho é a terrível consciência de que queremos parecer o que não somos e, cheios de empáfia, nossa alma trafega apoiada em frágeis muletas.

A preguiça traz incapacidade e atiça os devaneios, induzindo a trocar a realidade pela fantasia.

A inveja é o espelho de nossa covardia em ser do tamanho que somos, nem maiores nem menores.

O fato é que há um conflito entre o princípio nº 1 da sociedade em que vivemos - ganhar dinheiro - e os valores que sedimentam a existência. Por que a ambição de uma viagem ao exterior não se reflete também no desejo de viajar para dentro de si mesmo? Mundo desconhecido, esse que trazemos no espírito. Mas, como turistas ocasionais, ficamos sem saber qual

"agência" pode nos assegurar uma viagem de melhor proveito: a Igreja católica ou o budismo? O candomblé ou o espiritismo? Deus é mais íntimo a nós do que nós a nós mesmos.

Recolher-se ao silêncio interior é sempre um excelente ponto de partida. Para quem nunca fez essa viagem, a partida assusta, porque não nos é dado o roteiro, e a paisagem exterior tenta-nos a abandonar o trem.

Se controlarmos "a louca da casa", a imaginação, logo o silêncio interior se faz voz. Então, somos apresentados ao nosso verdadeiro eu, que nos impele ao nós. E experimentamos inefável felicidade.

* Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Leonardo Boff, de "Mística e Espiritualidade" (Rocco), entre outros livros.

Segundo os dicionários, seduzir é iludir outra pessoa para obter alguma coisa. Entretanto, a palavra possui também significados mais saudáveis e bonitos. Sedução é um poder que qualquer um possui e uma característica inata que possibilita às pessoas atrair para si o amor, a amizade e o interesse dos outros.

SEDUÇÃO

Maria H. Brito Izzo*

Pode-se conquistar o outro, porque se é amigo, gentil, leal, prestativo e atencioso; pelo carinho, pela inteligência, simpatia e doação. Mas a pessoa realmente sedutora é espontânea. É o seu jeito de olhar, falar, vestir e agir que atrai, envolve e conquista naturalmente.

Existem, contudo, pessoas espertas que usam armas artificiais para seduzir, com a intenção de possuir, dominar e manipular alguém. Essa é uma sedução feia.

Normalmente a sedução é vista com um sentido erótico, como se ela estivesse apenas relacionada à



conquistas sexuais e aos envolvimentos afetivos.

Seja qual for a situação, a capacidade de sedução tem que vir de dentro, ser natural. Não deve ser um jogo premeditado.

O sedutor é envolvente, o que não significa usar seu charme para tirar vantagens de outras pessoas. Um líder, por exemplo, é uma pessoa sedutora, que consegue fazer com que outras o sigam, podendo usar esse dom para o bem ou para o mal.

Um jogo – A sedução entre um homem e uma mulher tem a ver

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um novo compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual em 2003: 20 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão

R. Visconde do Rio Branco, 633 / 1002 - CEP 24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 ou E-mail: texere@uol.com.br

com a atração física com que a natureza dotou cada sexo.

Se ela não existir, não acontece namoro nem casamento. Começa-se a namorar alguém olhando, sorrindo, abordando, convidando, para que o envolvimento vá crescendo com o consentimento das duas partes. Isso é seduzir. O casamento significa que alguém seduziu o outro a tal ponto que este quer ficar para sempre ao seu lado.

Mas é preciso fazer com que o envolvimento permaneça. Por isso, o marido e a esposa precisam seduzir-se todos os dias.

A sedução normal, natural, gostosa e necessária entre o homem e a mulher não se confunde com assédio sexual.

Saber que se exerce algum tipo de atração outra pessoa faz um bem enorme ao nosso ego, pois todo mundo precisa sentir que agrada alguém. Sem isso, a vida fica muito triste. A preocupação em agradar é, de certa forma, querer seduzir e, na maioria das vezes, isso é feito como uma expressão sincera de amor.

*. Psicóloga. Publicado em "Sustentação", editado por MFC Itaúna, MG.

Esses moços...

Falando do conflito de gerações diante de uma associação de classe, o médico inglês Ronald Gibson, começou sua conferência por quatro citações:

PRIMEIRA: "Nossa juventude adora o luxo, é mal educada, caço da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem a seus pais e são simplesmente maus."

SEGUNDA: "Não tenho mais nenhuma esperança no futuro de nosso país se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, porque essa juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível."

TERCEIRA: "Nosso mundo atingiu seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe."

QUARTA: "Esta juventude está estragada até o fundo do coração. Os jovens são malfeiteiros e preguiçosos. Eles jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter nossa cultura"

Somente após ter lido as quatro citações, todas aprovadas pela assistência, foi que o conferencista revelou a origem delas: A primeira é de Sócrates, 470-399 aC; a segunda de Hesíodo, 720 aC; a terceira é de um sacerdote que viveu no ano 2000 aC; e a quarta, descoberta só recentemente sobre um vaso de argila, nas ruínas da Babilônia, tem mais de 4000 anos de existência.

50 mil mortes por ano no trânsito



Dirigir com prudência é dever cívico e cristão. Não corra, não mate, não morra!

Estatutos do Homem

Thiago de Melo*

Artigo 1

Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida e que de mãos dadas trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo 2

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo 3

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão o direito de abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer o dia inteiro, abertas para o verde, onde cresce a esperança.

Artigo 4

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem, como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único

O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.

Artigo 5

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mas será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura das palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Artigo 6

Fica estabelecido, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de outrora.

Artigo 7

Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo 8

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

Artigo 9

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal do seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artigo 10

Fica permitido a qualquer pessoa a qualquer hora da vida o uso do traje branco.

Artigo 11

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo 12

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido. Tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único

Só uma coisa proibida: amar sem amor.

Artigo 13

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Artigo final

Fica proibido o uso da palavra liberdade a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, ou como a semente do trigo, e a sua morada será sempre o coração do homem.

Frases ao vento de autores desconhecidos

"O amor é sempre belo, mas é grande quando perdoa".

"Uma palavra dita a tempo, vale mais do que um grande discurso tardio".

"Antes de ferir um coração, pense que você pode estar dentro dele".

"Juventude não é uma fase da vida, mas um estado de espírito".

"Cada idade da vida tem sua juventude".

FOME ZERO

o lucro das classes médias

Editorial

As classes médias que se alimentam bem vão sair ganhando com o fim da fome no nosso país de contradições. Aliás, são essas as classes que mais vão lucrar com a empolgante decisão de partida do novo governo.

Os milhões de brasileiros que passam fome vão apenas ganhar, por enquanto, o direito humano básico de comer. É um benefício barato. Experimente calcular o que custa alimentar decentemente uma pessoa escandalosamente faminta na nona economia do mundo. Faça as contas. Uma ninharia. Alimentados, esses imensos contingentes de famintos, espoliados por um sistema econômico injusto, vão ser capazes de estudar e aprender, recuperar os neurônios ainda não destruídos pela fome, de trabalhar sem desmaiar ou cair do andaime, e de atenuar a nossa vergonha escarlate. Aos

poucos irá se atenuando igualmente o desespero do não comer e ser incapaz de alimentar a família. Quem duvida de que tal desespero costuma induzir (e teologicamente justificar!) o recurso à marginalidade e à violência para a sobrevivência? Se a fome zerada reduzir a violência e o medo, quanto isto vale para as classes médias? Quanto uma família dos setores bem alimentados pagaria, com prazer, para viver mais tranqüila? Desfrutar a sua cidade sem o medo paranóico de hoje não tem preço, mesmo sabendo que algum risco permanecerá para sempre, como em qualquer recanto do mundo. Talvez seja interessante fazer contas. Quanto cusjam as grades, e os inúteis "seguranças" das empresas e condomínios, e das casas dos ricos entrincheirados em seus bunkers? Deve ser estratosférico o preço da blindagem dos carros, dos sistemas de alarme e dos seguros de todo tipo, sem contar a novidade dos aparelhos de monitoramento via satélite contra seqüestros e roubos de cargas... O custo dessa parafernália é infinitamente maior do que o de alimentar quem tem fome. Poder ao cinema à noite sem o risco de torcicolo e sem precisar olhar

obsessivamente por todos os espelhos para ver se não está sendo seguido por algum suspeito, - estas e outras benesses que as classes médias podem desfrutar valem uma fortuna. Valeria a pena pagar todo mês a alimentação de um bom número de famílias. Ora, vão ter mesmo que pagar. Indiretamente, é claro. Não se pode imaginar reduzir um programa de Fome Zero a famílias comprando cestas básicas para distribuir na vizinhança, embora este seja também um bom exercício de cidadania e prática cristã. De fato, o programa supõe a participação ativa e voluntária de todos os cidadãos, como ocorreu na campanha memorável e sempre viva do Betinho, pela cidadania e contra a fome.

Na verdade, o programa vai exigir deslocar-se dinheiro dos

orçamentos públicos para a erradicação da fome no país. Isto significa que alguns programas de interesse maior das classes médias serão postergados. Alguns viadutos para tornar mais cômodos os passeios de fim-de-semana ou a volta de carro para casa no fim da tarde, ficam para depois. Impostos terão que ir aumentando, tornando problemáticos certos sonhos de consumo de fino gosto. Carros importados deverão ir escasseando nas nossas avenidas, a farra das *delicatessen* importadas vai ficar reservada para os que continuarão ganhando dinheiro farto e fácil. Estes deveriam ser o quanto antes alvejados pelo imposto sobre grandes fortunas, sempre postergado por afetar generosos financiadores de campanhas políticas. Quem sabe, agora sai?

Acontece que o novo governo não vai se limitar a simplesmente acabar com a fome. Esse é apenas o primeiro passo, o mais urgente. Inúmeros outros programas visarão a atender às demais necessidades básicas sonegadas aos pobres e, principalmente, à melhor distribuição de renda. Não é preciso ser economista para se compreender que o bolo da riqueza nacional não vai aumentar da noite para o dia. Como a sua distribuição está concentrada, é



evidente que buscando mais justa partilha, os que têm menos, ou nada têm, vão ganhar aquilo que os que têm muito terão que perder. Não se espere um milagre da multiplicação dos pães, que na verdade, há 2000 anos, não foi um ato de magia. O que então aconteceu foi Jesus arrebatar a multidão pela fé que lhes transmitia e a consequente generosidade daquele povo que o seguia. Então cada um que tinha pães e peixes nos seus cestos os colocou em comum, numa grande partilha, que resultou em alimentação para todos, com sobras abundantes. Para que todos pudesse comer, os que tinham comida abriram mão do que guardavam para si. E todos comeram. É o que terá que acontecer na desigual sociedade brasileira. As classes privilegiadas terão que aceitar a perda de alguns ou muitos dos seus privilégios. E isto será bom. O consumismo é degradante da personalidade e da natureza. A austeridade de vida, ao contrário, é humanizadora e libertadora. Mas não é isso o que nos passam a TV e todos os demais instrumentos da sociedade de consumo. Como caminhar na contra-mão dessa onda consumista?

Aqui aparece uma função das igrejas e das organizações da sociedade que se preocupam com problemas sociais e ambientais. De um lado, recuperar a austeridade como um valor humano e cristão.

- ❖ É possível recuperar a austeridade de vida numa sociedade consumista? E educar os filhos para a valorização da austeridade?
- ❖ Que podemos fazer na luta contra a fome na nossa cidade?

Também budista e das demais crenças que não professam a ideologia da riqueza como dom de Deus. De outro, conscientizar nossa gente sobre a suicida predação da natureza pelo consumismo

Para os cristãos não há escolha: a concentração da riqueza que produz fome e miséria é oposta ao projeto de Deus, uma sabotagem contra o Reino anunciado por Jesus. A partilha de bens e dons acumulados como privilégio é o centro da proposta cristã. É celebrada na eucaristia, como presença divina no pão e vinho partilhados, simbolizando os frutos da terra e do trabalho do homem que a todos pertencem. Para os cristãos, o ato de partilhar coisas e talentos, se estende à partilha da própria vida, com os riscos consequentes ("isto é o meu corpo entregue, o meu sangue derramado") para que a humanização seja uma realidade para todos.

Recuperar e compreender essas verdades sociais e teológicas esquecidas é urgente. Vão estar presentes na vida de cada brasileiro, em consequência das mudanças profundas que se esperam do novo quadro político do Brasil. Haverá ganhos saborosos e perdas suportáveis para que prevaleça o bem comum. Será uma fascinante aventura a construção de um país mais justo e igualitário que essas mudanças permitem prever. Especialmente para quem não tiver medo de ser feliz.

Para escrever esta crônica, eu preciso de dois fios que deixei soltos. Porque eu escrevo como os tecelões que tecem seus topetes trançando fios de linha. Também eu tranço fios. Só que de palavras.

O primeiro fio saiu do corpo de uma aranha de nome Alberto Caeiro. (Aranha, sim. Tecemos teias de palavras como casas de morar sobre o abismo). Disse: "O essencial é saber ver. Mas isso exige um estudo profundo, uma aprendizagem de desaprender. Procuro despir-me do que aprendi, procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos..."

Volta-me à memória o meu amigo raspando a tinta das paredes da casa centenária que comprara, tantas tinham sido as demãos, cada morador a pintara de uma cor nova sobre a cor antiga. Mas ele a amou como uma namorada. Não queria pôr vestido novo sobre vestido velho. Queria vê-la nua. Foi necessário um longo striptease, raspagens sucessivas, até que ela, nua, mostrasse seu corpo original:

pinho de riga marfim com sinuosas listras marrons.

Nós. Casas. Vão-nos pintando pela vida afora até que memória não mais existe do nosso corpo. O rosto? Perdido. Máscara de

Sem contabilidade

Rubem Alves*

palavras. Quem somos? Não sabemos. Para saber é preciso esquecer, desaprender.

Segundo aranha, segundo fio, Bernardo Soares: nós só vemos aquilo que somos. Ingênuos, pensamos que os olhos são puros, digamos de confiança, que eles realmente vêem as coisas tais como são. Puro engano. Os olhos são pintores: eles pintam o mundo de fora com as cores que moram dentro deles. Olho luminoso vê mundo colorido; olho de trevas, trevo, vê mundo negro.

Nem Deus escapou. Ministério tão grande que ninguém jamais viu e até se interditou aos homens fazer sobre ele qualquer exercício de pintura, segundo mandamento, "não farás para ti imagem", tendo sido proibido até, com pena de morte, que o seu próprio nome fosse pronunciado. Mas os homens desobedeceram. Desandaram a pintar o grande mistério como quem pinta casa. E a cada nova demão de tinta, mais o mistério se parecia com as caras daqueles que o pintavam. Até que o mistério desapareceu, sumiu, foi esquecido, enterrado sob as montanhas de palavras que os homens empilharam sobre o seu vazio. Cada um pintou Deus do seu jeito. Disse Ângelus Silésius: o olho

através do qual Deus me vê é o mesmo olho através do qual eu vejo Deus. E assim, Deus virou vingador que administrar que administra um inferno, inimigo da vida que ordena a morte, eunuco que ordena a abstinência, juiz que condena, carrasco que mata, banqueiro que executa débitos, inquisidor que acende fogueiras, guerreiro que mata os inimigos, igualzinho aos pintores que o pintaram.

E aqui estamos nós diante desse mural milenar gigantesco onde foram pintados rostos que os religiosos dizem ser rostos de Deus. Cruz-credo. Exorcizo. Deus não pode ser assim tão feio. Deus tem de ser bonito. Feio é o cremulhão, o cão, o coisa-ruim, o demônio. Retratos de quem pintou, isso sim. Menos que caricatura. Caricatura tem parescença. Máscaras. Ídolos. Para se voltar a Deus, é preciso esquecer, esquecer muito, desaprender o aprendido, raspar a tinta...

Os que não perderam a memória do mistério, se horrorizaram diante dessa ousadia humana. Denunciaram. Houve quem gritou que Deus estava morto. Claro. Ele não conseguia encontrá-lo naquele quarto de horrores. Gritou que nós éramos os assassinos de Deus. Foi acusado de ateú. Mas o que ele queira, de verdade, era quebrar todas aquelas máscaras para poder, de novo, contemplar o mistério infinito. Outro que fez, isso foi Jesus. "Ouviste o que foi dito aos amigos; eu porém vos digo..." O deus pintado nas paredes do templo não combinava com o deus que Jesus via. O Deus sobre que ele falava era horrível às

pessoas boas e defensoras dos bons costumes. Dizia que as meretrizes entrariam no Reino à frente dos religiosos. Que os beatos eram sepulcros caiados: por fora brancura, por dentro fedor. Que o amor valia mais que a lei. Que as crianças são mais divinas que os adultos. Que Deus não precisa de lugares sagrados – cada ser humano é um altar, onde quer que esteja.

E ele fazia isso de forma mansa. Contava estórias. Uma delas, os pintores de parede lhe deram o nome de "parábola do filho pródigo". É sobre um pai e dois filhos. Um deles, o mais velho, todo certo, de acordo com o figurino, cumpridor de todos os deveres, trabalhador. O outro, mais novo, malandro, gastador irresponsável. Pegou a sua parte na herança adiantado e se mandou pelo mundo, caindo na farra e gastando tudo. Acabou o dinheiro, veio à fome, foi tomar conta de porcos. Aí se lembrou da casa paterna e pensou que lá os trabalhadores passavam melhor do que ele. Imaginou que o seu pai bem poderia aceitá-lo como trabalhador, já que não merecia mais ser tido como filho. Voltou. O pai o viu de longe. Saiu correndo ao seu encontro, abraçou-o e ordenou uma grande festa com música e churrasco.

Para os pintores de parede a estória poderia ter terminado aqui. Boa estória para exortar os pecadores a se arrepender. Deus perdoa sempre. Mas não é nada disso. Tem a parte do irmão mais velho. Voltou do trabalho, ouviu a música, sentiu o cheiro do churrasco, ficou sabendo do

acontecia, ficou furioso com o pai, ofendido, e com razão. Seu pai não fazia distinção entre credores e devedores. Fosse o pai como um confessor e o filho gastador teria, pelo menos, de cumprir uma penitência. A parábola termina num diálogo suspenso entre o pai e o filho justo. Mas o suspense se resolve se entendermos as conversas havidas entre eles. Disse o filho mais moço ao pai: "Pai, peguei o dinheiro adiantado e gastei tudo. Eu sou devedor. Tu és credor." Responde-lhe o pai: "Meu filho, eu não somo débitos." Disse o filho mais velho ao pai: "Pai, trabalhei duro, não recebi meus salários, não recebi minhas férias e jamais me deste um cabrito para me alegrar com os meus amigos. Eu sou

credor, tu és devedor." Responde-lhe o seu pai: "Meu filho: eu não somo créditos." Os dois filhos eram iguais um ao outro, iguais a nós: somavam débitos e créditos. O pai era diferente.

Jesus pinta um rosto de Deus que a sabedoria humana não pode entender. Ele não faz contabilidade. Não soma nem virtudes e nem pecados. Assim é o amor. Não tem "porquês". Sem-razões. Ama porque ama. Não faz contabilidade nem do mal nem do bem. Com um Deus assim, o universo fica mais manso. E os medos se vão. Nome certo para a parábola: "Um pai que não sabe somar." Ou "Um pai que não tem memória..."

*Psicanalista, poeta, escritor, teólogo.

Sobre a ALCA

Um rato olhando pelo buraco na parede viu o fazendeiro e sua esposa abrindo um embrulho. Ficou aterrorizado quando descobriu que era uma ratoeira. Foi para o pátio da fazenda advertindo a todos: "Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa!" A galinha, que estava cacarejando e ciscando, levantou a cabeça e disse: "Desculpe-me Rato, eu entendo que é um grande problema para o senhor, mas não me prejudica em nada."

O rato foi até o cordeiro e disse a ele: "Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira!" "Desculpe-me Rato, mas não há nada que eu possa fazer, a não ser rezar pelo senhor". O rato foi avisar a vaca. Ela disse: "O quê, Rato? Uma ratoeira? Lá vou ter medo de uma ratoeira?"

Então o rato voltou para a casa, abatido, para se defender da arma do fazendeiro. Naquela noite ouviu-se um barulho de ratoeira funcionando. A mulher do fazendeiro correu para ver se havia pegado o rato. No escuro, ela não viu que a ratoeira pegou a cauda de uma cobra venenosa. A cobra picou a mulher. Veio o médico. Deu o soro, recomendou dieta e canja de galinha, comida de doente.

O fazendeiro pegou seu cutelo e foi providenciar a canja. Lá se foi a galinha para a panela. Os amigos da mulher vieram visitá-la. Para alimentá-los o fazendeiro preparou um cordeiro assado. A mulher não melhorou. Acabou morrendo. Veio tanta gente de longe ao enterro que o fazendeiro teve que matar a vaca para alimentar todo aquele povo.

Moral da história: Quando há uma ratoeira na casa, toda a fazenda corre risco.

No Brasil as crianças passam, em média/dia, 4 horas na escola e 4:30 horas diante da TV! Cientistas e educadores constatam que muitas crianças não têm condições de diferenciar a ficção da realidade.

EDUCAÇÃO e violência na TV

Frei Bettarini

Nos EUA, programas de TV convenientes às crianças já podem ser selecionados automaticamente. Na França, cada programa é aberto com uma tarja verde (livre), laranja (atenção!) ou vermelha (não recomendado). Embora o sistema apareça na tela em menos de cinco segundos, pesquisa comprovou que 80% dos telespectadores sabem o que significam as tarjas.

No Brasil, apenas a TV Globo adverte, por áudio, que o programa é recomendável a crianças a partir de determinada idade.

Cientistas e educadores constatam que muitas crianças não têm condições de diferenciar a ficção da realidade. Afinal, quem de nós não acreditou em Papai Noel ou na existência da Branca de Neve? Certas cenas de filmes suscitam angústia nos telespectadores infantis, levando-os ao estresse precoce (insônia, diarréia, pavor etc.).

Aliás, pesquisa da psicóloga Marilda Lipp, da Universidade Católica de Campinas, constata que o medo de Deus é a principal causa de estresse em crianças de 7 a 10 anos. Deus é o recurso utilizado pelos pais para coibir os filhos. "Não faça isso que Deus castiga". Outro dia, vi um pai insistir com o filho, diante do altar do Senhor morto: "Agradeça a Ele a sua vida, pois Ele morreu por você". Fiquei pensando no efeito da frase na cabeça do

Pesquisa recente revela que, por ano, uma criança assiste, na TV, cerca de 18 mil assassinatos (telejornais, filmes e desenhos). Se os pais nunca debatem com os filhos o conteúdo dos programas, é possível que eles se tornem mais vulneráveis.

menino, que deve ter uns 8 anos. O preço de sua vida é a morte de um Deus feito homem...

"Deus castiga" de modo terrível: a maldição, o diabo, o fogo do inferno. O estresse manifesta-se por dor de barriga, irritações na pele, taquicardia, insônia, perda de apetite. As crianças tendem a ser adultos inseguros ou perfeccionistas.

A Unesco pretende desenvolver um programa de educação para a imagem, a ter

Montagem de Beto Nejme para "Época"

início com os desenhos animados. Fala-se, hoje, em "inteligência televisual" das crianças. Daí a importância de conexões entre escola e TV. No Brasil as crianças passam, em média/dia, 4 horas na escola e 4:30 horas diante da TV!

Há escolas brasileiras que começam a dar os primeiros passos na educação para a imagem. Os alunos gravam em vídeo os anúncios e, depois, repassam na classe e debatem. Esse recurso ajuda a desenvolver um



distanciamento crítico frente à publicidade. Minha geração educou-se, nos anos 50 em Belo Horizonte, em cineclubes. Os debates que se seguiam à exibição dos filmes favoreciam a nossa educação artística e política. Porém, falar em consciência crítica nessa onda de globalização que assola o Planeta é quase um palavrão. Prejudica os interesses de quem empenha-se em formar, não cidadãos, mas consumidores.

Nossa geração tinha referências altruistas: Jesus, Maria, São Francisco e, mais tarde, Gandhi, Luther King, Che Guevara etc. Éramos educados no idealismo, no sonho de mudar o mundo e fazer todas as pessoas felizes. Os paradigmas atuais são quase todos egocêntricos, violentos ou excessivamente erotizados: o exterminador do futuro, Rambo/Schwarzenegger, tartarugas Ninja, moças do Tchan etc. A educação resulta da confluência da família, da religião, da escola e da mídia. Seu papel é interiorizar valores, padrões e normas de comportamentos, e a ótica pela qual se encara a realidade, a vida, a história. Ocorre que, hoje, com a mercantilização crescente da mídia, mais interessada em entretenimento que em cultura (vide os programas dominicais na TV, que levam ao paroxismo a imbecilização), o interesse em transformar as crianças em consumidoras precoces se sobrepõe ao empenho em incutir-lhes ética, amor ao próximo, cidadania e valores espirituais. O resultado são seres humanos agressivos, inseguros quanto às suas referências, medrosos diante

do futuro e dependentes - da família, da droga ou de amizades que são cúmplices em veredas obscuras...

Há pouco, ouvi u'a mãe contar que proibira sua filha de participar de uma passeata contra um prefeito acusado de corrupção. No entanto, permite que a menina amanheça em danceterias. Acende o sinal verde para a esfera da evasão e o vermelho para atividades que possam levar a menina à esfera da política - que, como dizia o papa Paulo VI, é "a forma mais perfeita de caridade", pois a política determina a igualdade ou a desigualdade de direitos e oportunidades numa sociedade.

À luz dos 500 anos de Brasil, é bom relembrar o caso dos rapazes que, há tempos, em Brasília, acenderam a pira de nossos preconceitos e queimaram um índio pataxó. Vale a pergunta: o que ouviam, em casa, seus pais comentarem sobre índios, mendigos, negros e desocupados? Acredito que o modo como a família se refere aos demais segmentos da sociedade influí decisivamente na ótica que os filhos têm de seus semelhantes. Se uma patroa trata sua empregada doméstica como fosse uma escrava, não deveria ficar surpresa se sua família demonstra nojo frente a pessoas subalternas e tem vergonha de fazer trabalhos domésticos, como lavar, varrer etc. Os pais são sempre modelos para uma criança.

Um casal comentou comigo que não daria educação religiosa a seus filhos. Deixaria que, na idade adulta, eles escolhessem o que melhor lhes conviesse. Objetei:

"Não há neutralidade. Ou vocês educam ou eles serão educados religiosamente pelos programas de TV, que haverão de ensinar-lhes, por outra escala de valores, o que é certo e errado, bem e mal, justo e injusto."

Às vezes, casais com filhos na adolescência me perguntam o que fazer para despertar neles um mínimo de sensibilidade religiosa. Reajo: "Se tivessem feito essa pergunta, não agora que seu filho tem 16 anos, mas há dez anos, eu saberia responder". Pois a indiferença para com a vida espiritual não ocorre na vida de uma pessoa acostumada, desde criança, a rezar com os pais antes das refeições, ler e comentar a Bíblia, celebrar como convém as festas litúrgicas, jejuar do consumismo na Quaresma, vivenciar a Páscoa, comemorar o Natal em torno do Menino Jesus e não do Papai Noel.

É verdade que a TV é, hoje, uma máquina de incentivo à violência. Porém, não descarreguemos sobre ela toda a

- ❖ Será muito oportuna uma parada para discutir sobre os efeitos da TV na educação dos nossos filhos.
- ❖ Já assistimos aos programas que nossos filhos assistem? Juntos com eles? Já discutimos sobre valores e contra-valores que transmitem?
- ❖ Percebemos em nossos filhos suficiente consciência crítica para assimilar valores e rejeitar contra-valores?

Anote em sua agenda. Pode ser útil.

Roubo, furto ou perda do talão de cheques.

O ladrão ou a pessoa que encontrou o talão sai pelo comércio gastando. Para evitar o problema, ligue para o RECHEQUE. Esse serviço, ligado a Serasa (Centralização dos Serviços bancários), funciona 24 horas e é GRÁTIS. Assim que você comunica seus dados, a Serasa manda a informação para comerciantes de todo o país, que podem então recusar os cheques roubados. Recheque: (11) 5591-0137. O alerta é passado por 03 dias úteis.

culpa por nossas omissões. Uma boa educação familiar reduz o impacto que ela pode ter sobre as crianças. Pesquisa recente revela que, por ano, uma criança assiste, na TV, cerca de 18 mil assassinatos (telejornais, filmes e desenhos). Se os pais nunca debatem com os filhos o conteúdo dos programas, é possível que eles se tornem mais vulneráveis. Contudo, quem reage coletivamente a programa da TV? Quem escreve para os patrocinadores dos programas antiéticos? Quem deixa de comprar os seus produtos?

Muitas vezes a falta de uma educação melhor dos mais jovens tem como causa principal a omissão dos adultos. Passivos, tornamo-nos cúmplices de tudo o que condenamos nessa cultura hedonista e violenta. Só a consciência de cidadania, a defesa dos direitos humanos e uma efetiva participação na vida social podem nos salvar de um futuro menos bárbaro.

* Escritor.

Nenhum ser humano é descartável

Marcos Rolim

No início do século XXI, boa parte dos seres humanos são tratados como se fossem "objetos descartáveis". No Oriente Médio, há uma guerra onde não se confrontam exércitos. O resultado é que quase todas as suas vítimas são civis, incluindo crianças, que não possuem qualquer responsabilidade pelos conflitos.

O ódio que cresce a cada atentado e a cada retaliação esteve presente na Sérvia e na Croácia; foi oferecido aos albaneses do Kosovo e aos curdos no Iraque; esteve na África do Sul, na Libéria, em Serra Leoa, no Sudão e em Angola; ele pode ser encontrado no país Basco ou na Irlanda, esteve na Praça da Paz Celestial, no Afeganistão ou no Timor Leste. Esse mesmo sentimento de negação do outro que comandou os aviões que

atravessaram as torres gêmeas e que detona as bombas das FARC, autorizou a execução de Tim Lopes e está presente em cada cena de humilhação, de discriminação, de espancamento e de tortura no Brasil e no mundo.

Ao início do século XXI, são milhões os brasileiros que passam fome. Sem emprego, sem terra, sem casa, sem direitos, esses brasileiros ocupam as periferias de nossas cidades e dividem espaço com o lixo que produzimos. Centenas de milhares de crianças em nosso país crescem subnutridas, sub-educadas, sub-amadas. Muitas delas enfrentam o relho e a cinta nos rituais punitivos que nossa cultura abriga, outras são abusadas ou negligenciadas. Para aquelas que sobrevivem, reservamos nossos abrigos e, depois, nossos presídios. Milhares são as mulheres que, ainda hoje, convivem com as surras e as lesões corporais. Já não podemos contar os índios que nossa civilização exterminou, nem os negros que escravizamos, mas sabemos que o racismo é uma das nossas heranças. Os mais "machos" entre nós não se contentam em bater nas mulheres e nas crianças. Divertem-se, também, humilhando prostitutas, queimando mendigos.

matando homossexuais e travestis. "Bicha!", dizem, entre um sorriso maldoso e uma borduna ancestral. E se perguntarmos a eles o que pensam sobre os presos afirmarão: "Que morram todos! Não são bandidos?" De novo o ódio secular, o desprezo pelo outro, a indiferença, o descaso.

Nós que trabalhamos pelos Direitos Humanos somos movidos por outros sentimentos. Para nós, cada pessoa é intransponível e em cada uma encontramos a humanidade inteira.

Nós encaramos a dor. Não a dor genérica evocada pelas estatísticas ou pelas manchetes dos jornais, mas a dor que tem nome e olhos. Encará-la, especialmente nas condições do Brasil, equivale a olhar para um abismo e reconhecer nessa vertigem um motivo para prosseguir. É esta disposição que nos permite



observar um extraordinário processo de resistência em curso e a recusa dos seres humanos diante dos destinos amaldiçoados. Em todos os lugares, eles se reúnem, protestam, marcham, entoam canções, erguem bandeiras, se amotinam, redigem manifestos, desobedecem

Por isso, pode-se dizer que o que há de humano em nós, o que sobrevive, resiste.

- ♦ Essas situações aqui ressaltadas desafiam os cristãos a promover ações concretas? De que tipo? Individuais? Coletivas?
- ♦ Na nossa cidade, quais são os aspectos mais visíveis desse problema?
- ♦ O que podemos fazer, como grupo cristão?

ALERTA MÁXIMO

Anuncia-se que fábricas de bebidas alcoólicas preparam-se para lançar refrigerantes temperados com rum ou vodca, com pequeno teor alcoólico (5%), para escapar à flexível legislação vigente. Objetivo não anunciado: iniciar os jovens e adolescentes no consumo de bebidas que levam, precocemente a uma pequena dependência que, mais tarde, os tornará vítimas da maior desgraça do país: o alcoolismo que se espalha, destruindo pessoas e famílias. Verifique! Denuncie!

Desencontros conjugais

Deonira Viganó La Rosa*

A quem cabe iniciar a reconciliação?

Dizem alguns teóricos que, para uma convivência duradoura e feliz, os casais precisam brigar e expressar raiva. Mas, simplesmente manifestar raiva é, em geral, um beco sem saída. Expressar raiva é útil somente se isso leva a uma análise e a uma mudança de intenção e de comportamentos.

Se você está brigando ou se sentindo afastado de seu parceiro, começar uma análise do fato é uma das coisas mais difíceis do mundo. Cada parceiro quer preservar-se de sentir-se responsável, e cada um está esperando que o outro amanhe, peça desculpas, estenda a mão. E pode até acontecer que você se sinta vulnerável se for o primeiro a estender a mão. - Seria humilhar-me? Seria admitir que estou errado?

Numa seqüência de comportamentos ofensivos, o orgulho impele-o a provar que foi o outro quem começou - você apenas está reagindo, e com toda a razão. Mesmo que inconscientemente, manter o orgulho pode parecer mais importante que destruir a distância entre os dois. E, para manter-se na retaguarda, você busca explicações e faz conjecturas. - Se eu der o primeiro passo, será que ele não

terminará por se convencer de que sou frágil e vivo voltando atrás? Será que permanecerá defensivo ou desejará aprender com a situação? Dirá que, finalmente, reconheci que sou eu quem provoca nossas rugas? Preciso proteger-me para que não use meu gesto contra mim ... E, nessa linha de reflexão, parece mais seguro esperar que o outro tome a dianteira e estenda a mão para você. Mas às vezes, a espera é tanta que os parceiros acabam por cristalizar um relacionamento distante, chegando mesmo a consumar o divórcio, ao invés de tomar a iniciativa da mudança, mesmo que, à primeira vista, possa parecer uma vulnerabilidade.

Para começar a dialogar, alguém tem de aceitar a responsabilidade de terminar a disputa de poder, sem preocupar-se com quem vai salvar a pele e quem vai perdê-la. E esse alguém tem de ser sempre VOCÊ. Você, independente de que seja homem ou mulher, que tenha iniciado a briga, ou não. Você será aquele que sempre toma a iniciativa da análise, do diálogo, da reconciliação. E, contrário do que parece, sua autoestima será fortalecida.



Se houvesse uma regra, poderia ser esta: *O que eu vou mudar, para que mude a nossa relação?* Tome agora a decisão. Comece com uma simples massagem nos pés do companheiro(a), sem palavras, ou prepare um jantar à luz de velas, colha uma flor entre as pedras do muro e coloque-a em sua mesa de trabalho, marque um encontro num lugar inédito.

Enfim, use sua inteligência e criatividade, você descobrirá tantas maneiras para recomeçar... Mas, comece sempre VOCÊ. Não espere pelo outro. Corre o risco de esperar demais.

Apenas casamentos mortos conservam-se intactos

O matrimônio como algo estático, cimentado e imutável está falido. Todos aqueles que ainda querem manter a ilusão de um tal matrimônio, não percebem a profunda e nova dinâmica da sociedade do terceiro milênio. Jazem em tumbas do passado.

É a partir da falência do antigo modelo que está nascendo

hoje, e nascerá no futuro, um novo matrimônio, dinâmico e interativo. Tal sonho não se realiza mediante a tentativa de cristalizar os relacionamentos humanos, e sim por meio de processos dialéticos e talvez conflitivos. A vida envolve conflitos e os relacionamentos exigem trabalho. Não há forma de evitar isso.

Para que o seu casamento seja saudável, é imprescindível que seja dinâmico, isto é, que esteja em contínuo processo de evolução e mudança, em estado perpétuo de "vir a ser". Vocês nunca realmente "chegam lá", ou terminam a jornada. Seu matrimônio é um sistema em movimento, onde circulam a intimidade do amor e os transtornos da raiva, onde vicejam ervas daninhas e trigo. Neste sistema, vocês se sentem livres para engajar-se numa troca intensa. Questões mobilizadoras como sexualidade, religião, poder, paixão, rigidez, fidelidade, filhos, individualidade, doença, morte, etc., podem ser discutidas sem ameaçar a continuidade e a coesão da unidade.

Para vocês, as regras, normas e padrões de interação arraigados e repetitivos tais como ciúme crônico, tensões e brigas, distância intransponível, - conscientes ou inconscientes -, estão a serviço das mudanças que se fazem necessárias. Em casais menos saudáveis, essas regras e

padrões são usados para inibir a mudança e para manter a imutabilidade do casamento.

É de se esperar que, nesse modelo de matrimônio, vocês experimentem, literalmente, dezenas de divórcios emocionais no curso dos anos. Divórcios que podem durar três minutos, três horas ou três dias, mas que não chegam ao desespero irreversível ou à falta de esperança, embora o sentimento de perda possa ser doloroso. Porque essa dinâmica forja um casal compromissado, capaz de refazer seu contrato todos os dias, limpando-o das impurezas.

Um casal capaz de conquistar seu espaço mediante tentativas, êxitos, decepções e lutas. Um casal capaz de crescer.

A partir desta perspectiva, o matrimônio não fracassou e não vai fracassar. O que fracassou foram as idealizações falsas de um modelo, foram as tentativas de cristalizar e cimentar uma utopia dinâmica. O matrimônio permanece um caminho a percorrer. E, visto como caminho, não falhará.

*Deonira Viganó La Rosa é Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia
E-mail: jordeon@orion.ufro.br

- ❖ Como podemos ajudar casais em dificuldades a perceberem quais as razões dos problemas e caminhos de solução?
- ❖ Há nestes artigos indicações valiosas para a nossa própria vivência? Quais em especial?
- ❖ Foram lembrados valores a transmitir aos filhos, aos jovens, aos que vão se casar?

"Se procuras uma mão disposta a te ajudar, tu a encontrarás no final do teu braço."
"Se és capaz de sorrir quando tudo deu errado, é porque já descobriste em quem pôr a culpa..." (Ditados populares).

Não fique tão sério...

Colaborações de leitores

Cerveja

Um professor de química queria ensinar aos seus alunos do primeiro grau os males causados pelas bebidas alcoólicas e elaborou uma experiência que envolvia um copo com água, outro com cerveja e dois vermes.

"Agora alunos, atenção! Observem os vermes", disse professor, colocando um deles dentro da água. A criatura nadou agilmente no copo, como se estivesse feliz e brincando. Depois, o mestre colocou o outro verme no segundo copo, contendo cerveja.

O bicho se contorceu todo, desesperadamente, como se estivesse louco para sair do líquido e depois afundou como uma pedra, absolutamente morto.

Satisfeito com os resultados, o professor perguntou aos alunos: "E então, que lição podemos aprender desta experiência?" O Joãozinho levantou a mão, pedindo para falar, e sabiamente respondeu:

"Beba cerveja e você nunca terá vermes"

Julgamento no Tribunal

O Promotor de Justiça chama sua primeira testemunha: uma velhinha de idade avançada. Para começar a construir uma linha de argumentação, o Promotor pergunta à velhinha:

"Dona Genoveva, a senhora me conhece, sabe quem eu sou e o que faço?"



"Claro que eu o conheço, Carlinhos: eu o conheci bebê. E, francamente, você me decepcionou. Você mente, você trai sua mulher, você manipula as pessoas, você espalha boatos e adora fofocas. Você acha que é influente e respeitado na cidade, quando na realidade você é apenas um pobre coitado. Ah, se eu o conheço! Claro que conheço!"

O Promotor fica petrificado. Incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Fica mudo, olhando para o juiz e para os jurados. Sem saber o que fazer, vacilante, ele aponta para o advogado de defesa e pergunta à velhinha:

"E o advogado de defesa, a senhora o conhece?"

E a velhinha responde

"O Robertinho? É claro que eu o conheço. Desde criancinha. Eu cuidava dele para a Marina, a mãe dele. Ele também me decepcionou. É preguiçoso, puritano, alcoólatra e sempre quer dar lição de moral nos outros sem ter nenhuma para ele. Ele não tem nenhum amigo e ainda conseguiu perder quase todos seus processos em que atuou!"

O juiz interrompe, e manda que a senhora fique em silêncio.

Chama o promotor e o advogado perto dele, e fala baixinho aos dois: "Se algum de vocês perguntar a esta mulher se ela me conhece - eu expulso da sala e vai preso!"

Reboque

Um cara estava no inicio da Anchieta com seu Fiat 147 (Amarelo Geladeira). E como era de se esperar, a

"jabiraca" quebrou.

Então, ele encostou a lata velha, e ficou esperando alguém passar. Apareceu um Porsche, a 170 km/h, pisou no freio, deu marcha ré e se ofereceu para rebocar a "jabiraca". O dono do 147 agradeceu o reboque mas pediu para o seu salvador não correr muito, senão o carro desmonta. Combina vai piscar o farol alto, toda vez que o Porsche passar dos 60km/h.

O Porsche começa a rebocar a lata velha e toda vez que passava de 60 km/h, o do Fiat fazia sinal com o farol e o motorista do Porsche diminuía de novo! Mas acabou perdendo a paciência e de raiva acelerou pra 200 km/h, justamente na passagem do posto policial. O policial rapidamente avisa pelo rádio, ao próximo posto: "Atenção". Um Porsche Prata a 200 por hora e... por incrível que pareça... fico até sem graça de avisar isso a vocês mas... tem um Fiat 147 atrás dele e ainda dando sinal de farol pra ultrapassar!"

Futuro

Conversa entre pai e filho, por volta do ano de 2031, sobre como as mulheres dominaram o mundo. "Foi assim que tudo aconteceu, meu filho... Elas planejaram o negócio discretamente, para que não notássemos. Primeiro elas pediram igualdade entre os sexos. Os homens, bobos, nem deram muita bola para isso na ocasião. Parecia brincadeira. Pouco a pouco, elas conquistaram cargos estratégicos,

Diretoras de Orçamento, empresárias, Chefes de Gabinete, Gerentes disso ou daquilo."

"E ai, papai?"
"Ah, os homens foram muito ingênuos. Enquanto elas conversavam ao telefone durante horas a fio, eles pensavam que o assunto fosse telenovela... Triste engano. De fato, era a rebelião se expandindo nos inocentes intervalos comerciais. "Olí querida!", por exemplo, era a senha que identificava as líderes. "Celulite" eram as células que formavam a organização. Quando queriam se referir aos maridos, diziam "O regime".

"E vocês? Não perceberam nada?"
"Ficávamos jogando futebol no clube, despreocupados. E o que é pior: continuávamos a ajudá-las quando pediam. Carregar malas no aeroporto, consertar torneiras, abrir portas de azeitona, ceder a vez nos naufrágios. Essas coisas de homem."

"E depois, papai?"
"Aí, veio o golpe mundial! Sim o golpe. O estopim foi o episódio Hillary-Mônica. Uma farsa. Tudo armado para desmoralizar o homem mais poderoso do mundo. Pegaram-no pelo ponto fraco, coitado. Já lhe contei, né? A esposa e a amante, que na TV posavam de rivais eram, no fundo, cúmplices de uma trama diabólica. Pobre Presidente..."

"Como era mesmo o nome dele?"
"William, acho. Tinha um apelido, mas esqueci... Desculpe, filho, já faz tanto tempo..."

"Tudo bem, papai. Não tem importância. Continue..."

"Naquela manhã a Casa Branca apareceu pintada de cor-de-rosa.

Era o sinal que as mulheres do mundo inteiro aguardavam. A rebelião tinha sido vitoriosa! Então elas assumiram o poder em todo o planeta. Aquela torre do relógio em Londres chamava-se Big-Ben, e não Big-Betty, como agora.. Só os homens disputavam a Copa do Mundo, sabia? Dia de desfile de moda não era feriado. Essa Secretaria Geral da ONU era uma simples cantora. Depois trocou o nome, de Madonna para Mandona..."

"Pai, conta mais..."

"Bem filho... O resto você já sabe. Instituíram o Robô e o Troca-Pneu como equipamento obrigatório de todos os carros... A Lei do Já-Prá-Casa, proibindo os homens de tomar cerveja depois do trabalho... E, é claro, a famigerada semana da TPM, uma vez por mês..."

"TPM?"

"Sim, TPM... Tempo Provável de Mísseis... É quando elas ficam irritadíssimas e o mundo corre perigo de confronto nuclear..."

"Sinto um frio na barriga só de pensar, pai... - Ssshhh! - Escutei barulho de carro chegando. Disfarça, papai e continua picando essas batatas..."

Recursos Humanos

Um dia, enquanto caminha pela rua, uma mulher de sucesso, diretora de recursos humanos de uma multinacional, (aqueelas que fazem de tudo para vender a imagem de sua empresa aos futuros empregados), é tragicamente atropelada por um caminhão e

morre. Chega ao paraíso e se encontra, na entrada, com São Pedro.

"Bem vinda ao paraíso, diz São Pedro! Mas... antes que você se acomode, parece que temos um problema. Você vai perceber que é muito raro um diretor de recursos humanos chegar aqui e não estamos seguros do que fazer com você."

"Não tem problema, deixe-me entrar" - diz ela, já analisando São Pedro dos pés à cabeça (avaliava S. Pedro como se fosse um candidato, e se perguntava se ela o contrataria para trabalhar em sua empresa).

"Bem que eu gostaria de deixá-la entrar agora mesmo, mas tenho ordens superiores. Assim, faremos com que você passe um dia no inferno e outro no paraíso; então poderá escolher onde passar a eternidade."

E, assim, São Pedro acompanha a diretora ao elevador e desce, desce até o inferno. As portas se abrem e aparece um verde campo de golfe. Mais distante, um belo clube. Lá estão todos os seus amigos, colegas diretores que trabalharam com ela e grandes executivos de outras empresas, todos em trajes de festa. Correm para cumprimentá-la, jantam juntos num clube muito bonito e se divertem. O Diabo era um anfitrião de primeira classe, elegante, charmoso, muito educado e divertido. Ela se sente de tal maneira bem que, antes que se dê conta, já é hora de ir embora. Todos lhe apertam as mãos e se despedem enquanto ela entra no elevador.

O elevador sobe e ela se vê novamente na porta do paraíso, onde São Pedro a espera. Agora é hora de visitar o céu. Assim, nas 24 horas seguintes, a mulher se diverte pulando de nuvem em nuvem, tocando harpa e cantando. É tudo tão bonito e tão sereno, que, quando percebe, as 24 horas se passaram. São Pedro vai buscá-la.

"Então, você passou um dia no inferno e outro no paraíso. Agora deve escolher sua eternidade". A mulher pensa um pouco e responde:

"Senhor, o paraíso é maravilhoso, mas penso que me senti melhor no inferno, com todos os meus amigos e aquela intensa vida social". São Pedro a acompanha até o elevador, que outra vez desce até o inferno.

Quando as portas do elevador se abrem ela depara com um deserto inóspito, sujo, cheio de desgraças, coisas ruins. Vê todos os seus amigos vestidos com trapos, trabalhando como escravos, aguilhoados por diabos inferiores. O diabo se aproxima e conduz a mulher pelo braço, com brutalidade. "Não entendo", balbucia a mulher. "Ontem eu estava aqui e havia um campo de golfe, um clube, comemos lagosta e caviar, dançamos e nos divertimos muito. Agora tudo o que existe é um deserto cheio de lixo e todos os meus amigos parecem uns miseráveis".

O diabo olha para ela e sorri: "Ontem estávamos te contratando, hoje você faz parte da equipe..."

Ter filhos: o processo de ensinar também é um aprendizado, um aperfeiçoamento de quem ensina. Os pais se educam enquanto proporcionam educação aos filhos.

"Amai-vos e multiplicai-vos"

Alex Gasparini*

proporcionam educação aos filhos. O casal vai se amando mais, na medida em que se doa aos filhos.

Este tema ainda tem muito a ser desenvolvido, mas já não é cedo demais para afirmar: uma criança concebida no amor, vai se tornar um adulto que dará certo, por mais problemas que apareçam no caminho. E arrematando: onde nasce, o amor não acaba – pois só não há amor, onde ele ainda não nasceu.

Para quem confunde as coisas, amor também é colocar limites e corrigir, sempre e com firmeza, ensinar e confiar no que se ensinou, o que implica em dar liberdade para os filhos aprenderem com os próprios erros, gradativamente.

Muitos casais alegam fraca condição financeira ou, no outro extremo, que a carreira profissional está indo muito bem e a chegada de filhos viria a atrapalhar. E assim, vão protelando a decisão, a ponto de mulheres só engravidarem já na quarta década de vida. Assim, serão mais avós do que pais. Outros simplesmente concluem que é melhor não ter filhos, visto que o trabalho de os ter e educar não

compensa as alegrias que podem trazer (é claro que ter filhos é quase sempre uma grande roubada, financeiramente falando, e muitos casais também se apegam a isto).

Mas os casais normais reconhecem no sacramento do matrimônio uma opção de viver o amor com o objetivo de fundar uma nova família. Para estes, mesmo se não "planejados", os filhos são muito bem vindos. Pois é esta vontade de ter filhos, o primeiro grande passo que se dá na missão de bem os educar. O que ainda não se sabe, vai-se aprendendo no afã de dar aos filhos o melhor de nós mesmos. E os casais maduros na fé, sabem que o melhor que se pode dar é o amor. Amando, conseguimos elogiar e estimular, dar carinho, ser amigos dos filhos; também como dar os devidos corretivos na hora e na medida certa.

Amando, não dominamos nossos filhos, e muito menos nos abobamos a ponto de ser dominados por eles – desvario que se vê com freqüência nos dias de hoje. Amando, não esconderemos

deles os nossos erros nem esconderemos os erros deles de nós mesmos. Amando, daremos liberdade sem deixar que eles abusem.

Tudo isto, e muito mais poderia ser usado, somente para contestar aqueles pais e mães que se fazem de coitados e se defendem ao constatar que o filho(a) se tornou um delinquente: "Fiz tudo o que pude, dei tudo por ele(a), não sei como se perdeu. Por que Deus permitiu uma desgraça desta?"

Não que os pais sejam sempre culpados dos erros dos filhos, mas há de ser exceção muito grande um filho se desgarrar definitivamente do caminho certo, sem que os pais tenham fraquejado.

Não é assim tão difícil ser um bom pai ou boa mãe. O difícil é não ser egoísta e comodista. Difícil, também, é abrir mão de uma posição de superioridade, pois não há modo melhor para evoluir do que aprender coisas novas com os filhos.

*MFC do ABC Paulista.

Para melhor transmitir a fé aos nossos filhos *Descomplicando a fé*

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à **Livraria do MFC**

Rua Barão de Santa Helena, 68 • Cep: 36010-520 • Juiz de Fora • MG

Tel.: (32) 3214-2952 • e-mail: nulysses@artnet.com.br

À venda também nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

A Igreja católica exige o celibato de seus sacerdotes e bispos. Entre monges, trades e freiras, a exigência é intrínseca à nossa vocação. Vivemos em comunidade, fazemos votos de pobreza, castidade e obediência. Portanto, em se tratando de membros de Ordens e congregações religiosas, é no mínimo um contra-senso qualquer debate quanto à quebra desses compromissos. O mesmo não se pode dizer de padres diocesanos, também chamados de seculares.

Pelo celibato optativo

Frei Betto *

A vocação sacerdotal não coincide necessariamente com a vocação ao celibato. E esta não é uma característica exclusivamente eclesiástica. O celibato é

encontrado também em outras tradições religiosas, e mesmo em militantes políticos consagrados a uma causa. Ho Chi Minh foi celibatário a vida toda, e Luis Carlos Prestes até beirar os 30 anos. A Igreja primitiva ordenava homens casados. Não associava sacerdócio ao celibato, pois tinha em mente que Jesus escolheu para apóstolos homens casados. Prova disso é que ele curou a sogra de Pedro (Marcos 1,30). Quem teve sogra, teve mulher.

Jesus foi celibatário, como tantos místicos que o precederam na história das religiões. E não reconheceu valor em si no celibato, e sim em função da missão em prol do Reino de Deus (Mateus 19,1-12). Ao contrário do que se pensa, o celibato não se universalizou entre o clero para impedir que o direito de herança viesse a dilapidar os bens da Igreja. Fosse assim, as Igrejas evangélicas, cujos pastores se casam, já estariam falidas. Foi a progressiva monaquização do poder

eclesiástico, a partir do século VIII, que aproximou o clero das exigências próprias da vida religiosa. Ainda assim, no período colonial brasileiro era comum encontrar padres casados cercados de prole abundante. Na opinião do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, o celibato clerical deveria ser facultativo. Aqueles que não tivessem vocação para abraçá-lo exerceriam seu ministério sacerdotal

ainda que contraindo outro dos sete sacramentos: o matrimônio.

Julgo que não há motivo teológico que justifique o direito de os homens terem acesso aos sete sacramentos, como ocorreu ao grande abade beneditino dom Timóteo Amoroso, meu diretor espiritual. Viúvo, fez-se monge e padre. Já as mulheres só podem receber seis sacramentos, pois estão excluídas da Ordem. Assim como a Igreja luterana já admite pastoras que celebrem a eucaristia, seria de grande proveito à evangelização que mulheres também pudessem ser ordenadas, pondo fim ao patriarcalismo que marca a estrutura católica.

Urge que padres casados (sim, pois não existem ex-padres, como não há ex-batizados) sejam readmitidos no ministério sacerdotal. Eles são cerca de 4 mil no Brasil. Muitos exercem atividades pastorais sob a bênção de seus bispos. Mas gostariam de voltar a administrar os sacramentos e, assim, complementar o trabalho de cerca de 15 mil sacerdotes que, no Brasil, servem aos 124,9 milhões de católicos. Não fossem os ministérios leigos, a evangelização católica estaria ainda mais fragilizada. Enquanto Roma não permite o celibato facultativo, é preciso que, nos seminários, o critério de seleção de candidatos seja mais rigoroso, evitando o ingresso de jovens com sérios distúrbios patológicos, como a pedofilia. Esta é uma doença que também se manifesta em homens casados, e exige tratamento. Quando se traduz em assédio

sexual, merece punição. No entanto, é preciso que nas casas de formação de padres e religiosos(as) temas como afetividade e sexualidade sejam debatidos sem culpas ou escrúpulos. Sexo é como política, quanto menos se fala, mais bobagem se faz.

Todos nós, inclusive o papa, somos frutos da relação carnal entre um homem e uma mulher. O próprio Jesus tinha pulsão sexual e não repudiou o seu corpo. Ao contrário, exaltou os corpos humanos pela cura e deixou-se tocar por mulheres (Lucas 7, 36-50); 8,45). Movido pela mística que o unia ao Pai, Jesus sublimou a sua sexualidade. Ao elevar o matrimônio à condição de sacramento, no qual os ministros são os noivos (e não o padre, como muitos pensam), a Igreja resgatou a sexualidade das cavernas platônicas.

É hora de dar mais um passo: tornar o celibato facultativo ao clero diocesano, reinserir no ministério sacerdotal os padres casados, e ordenar mulheres. Assim, o Evangelho ressoará, de fato, como Boa Nova.

*Escritor, autor do romance sobre Jesus "Entre todos os homens" (Ática), entre outros livros.

"Só uma palavra me devora. Aquela que meu coração não diz..."

Retrocesso na luta das mulheres

Rita Camata

Os preciosos versos de Sueli Costa emergiram das profundezas da memória ao saber da decisão do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul de considerar o estupro como crime hediondo apenas em caso de haver "graves lesões ou a morte" da vítima. A postura do tribunal tanto causa indignação em nós brasileiras que vislumbramos um mundo igualitário, quanto nos estimula a não esmorecer nessa infundável luta.

A perplexidade se completa quando sabemos que a mesma Corte qualifica os demais casos como "estupro simples". A postura do Tribunal de Justiça gaúcho nos lembra a frase burlesca de conhecido político brasileiro que costuma dizer "estupra, mas não mata" e assim o crime não traria conseqüências tão "danosas" para a vítima.

Esse tipo de posição é abjeta, inadmissível e contraditória em um país signatário de instrumentos internacionais que primam pela defesa dos direitos humanos.

As brasileiras têm dado contribuições significativas e marcantes para o alcance dessa meta, para a conquista de uma sociedade livre e com justiça social. São pioneiras, desbravadoras, vanguardistas e guerreiras que sempre estiveram à frente de seu tempo.

Entendemos que a questão do estupro não se resume apenas à violência sexual vem reafirmar que este é um problema de segurança e justiça na medida em que as violações têm que

ser prevenidas e os agressores punidos. Mas, acima e além disso é, basicamente, um problema de cidadania e educação. Esse tipo de crime é hediondo, sim, independentemente de lesões graves ou morte.

No caso mais específico do estupro contra mulheres, é uma violência sexista cujas raízes assentam no tradicional padrão de relações assimétricas de gênero. Enquanto a sociedade continuar a fabricar homens dominadores e sedutores por excelência e mulheres submissas e dependentes como contrapartida ideal, persistirão as condições que constituem o caldo de cultura de que se nutre a violência sexual, que decorre não apenas de uma motivação sexual, mas também da necessidade de mostrar autoridade, força e poder sobre a outra pessoa.

Precisamos de programas que, com ações emergenciais e de longo prazo, tirem este tema da clandestinidade e conscientizem as pessoas de que silêncio e segredo só beneficiam os agressores sexuais. Programas que comecem por um grito de alerta geral à comunidade e por um convite à mobilização permanente, através de disque denúncia, oficinas, treinamento, etc...

Já se passou da hora de afirmarmos que em ocorrências de violência sexual, a pessoa que sofre esse tipo de crime é sempre vítima e não ré e, mais do que isto, deve ser capaz de denunciar sem culpa a violação sofrida, sem sufocar as palavras para que estas não a devorem.

Ainda essa droga que é uma droga

Helio Amorim*

Não falta discurso para promover o desmonte do crime organizado, baseado no tráfico de drogas. Fala-se de estado de guerra e algum político menos equilibrado garante que vai mandar matar bandidos, sejam cem, quinhentos ou mil, a partir da posse no governo local.

Anunciam-se operações policiais e às vezes se reclama a mobilização do exército. O foco desses planos é prender ou matar os agentes do crime e aumentar o policiamento preventivo nas áreas críticas.

A menos da intenção furiosa de matar, todas essas ações são necessárias, naturalmente. Mas absolutamente insuficientes. É preciso pesquisar as causas do surgimento e os pontos de apoio que suportam essas organizações criminosas.

A primeira é a demanda da droga, o narconsumo. Consta que a maioria absoluta dos consumidores reside nas zonas ricas da cidade e compra cocaína por telefone, como compra pizza. Só a minoria, geralmente jovens que não têm o controle do espaço familiar e do telefone doméstico para esse fim, se aventura à compra nos pontos de venda das favelas. São os pontos operados pelos traficantes de terceiro escalão, que se matam uns aos outros na disputa do seu perigoso mercado de ponta.

Ora, segundo o dogma capitalista vigente, onde há demanda haverá oferta, desde que o comércio seja lucrativo. E como até o poste da esquina sabe, o comércio da droga é muito lucrativo. Assim, cada traficante preso ou morto será imediatamente substituído por seu segundo, na cadeia sucessória interminável, porque o mercado narconsumista é exigente. A oferta não pode faltar.

Se essa é a causa primeira, fica óbvia a primeira medida de ordem prática: a redução do consumo. Juntem-se especialistas para definir um conjunto de medidas que levem a uma progressiva diminuição da demanda. Incluem campanhas educativas, que já se fazem timidamente, mas simultaneamente a repressão inteligente ao consumo, que não se faz verdade que o que é bom para os Estados Unidos não costuma ser bom para nós, mas nesse campo foram inteligentes: o usuário de drogas flagrado é detido, condenado na hora, e escolhe a pena: a prisão ou trabalhos comunitários com submissão

monitorada à terapia contra a dependência. Aos que não podem pagar, o governo oferece gratuidade no tratamento. Lá se anuncia que em poucos anos, onde aplicado, o

consumo se reduziu à metade, com enormes ganhos humanos de libertação da pior escravidão.

A segunda causa é a fantástica lucratividade desse comércio. Os ganhos enormes permitem armar-se, manter uma complexa logística de transporte e contrabando, financiar campanhas políticas, cooptar jovens pela oferta de bons salários e corromper a repressão. Já se sabe que o crime paga melhor e tem armas mais modernas que o nosso pobre aparato policial.

Desta causa segunda, surge um segundo objetivo estratégico: reduzir a lucratividade desse comércio diabólico. As apreensões de carregamentos de drogas visam a isto. Não faltará droga, é verdade, mas os prejuízos pelas apreensões a encarecem de tal modo que reduzem, ao mesmo tempo, o lucro do traficante e o consumo do veneno porque ficou muito caro. Para isso, a polícia federal, que conhece as rotas da droga, tem a obrigação de apreender caminhões, aviões e barcos do tráfico, desorganizar a infra-estrutura das quadrilhas, destruir plantações de maconha, infernizar a vida dos bandidos.

As Forças Armadas (nunca mais ocupando favelas) poderiam adotar como modalidade-padrão de treinamento bélico-estratégico dos militares de carreira e de seus serviços de inteligência, as incursões para localização e destruição das milhares de pistas de pouso clandestinas do país, dos pontos de desembarque de drogas no nosso vasto litoral, dos depósitos



em que se esconde a droga, dos laboratórios de beneficiamento, dos arsenais de armamentos e tudo mais que produza grandes prejuízos financeiros ao tráfico. Fazer assim o preço da droga disparar, em consequência desses prejuízos.

Como grande parte dessas incursões se faria na Amazônia, tratem de aprender a usar o Sivam, que nos custou uma fortuna para instalar na selva.

Na mesma linha dos prejuízos para desorganizar o comércio, surge uma **terceira medida**: a lei deve ser mais dura com os donos das redes, que moram em belos apartamentos com vista para o mar. As investigações têm dado bons resultados recentemente.

Mas além da pena de prisão, a lei deve estabelecer multas milionárias proporcionais aos estragos provocados pela droga, permitindo o seqüestro dos bens desses senhores, a ser transformados em dinheiro para um fundo de apoio à recuperação de dependentes.

Reducir a temporada de prisão com bons advogados e o chamado "bom comportamento" é fácil. Recuperar bens seqüestrados não o será, se a lei for bem feita. Para essa gente, perder sua fortuna é mais doloroso que um breve estágio atrás das grades. Pode impedir o recomeço criminoso ao voltar para casa.

Por último, uma quarta e arriscada medida para golpear a

rentabilidade desse comércio. Poderia ser adotada aos poucos, forma prudente: fornecer a droga gratuitamente, em doses controladas, para dependentes com diagnóstico de especialista e receita médica, desde que aceitem voluntariamente a terapia que poderá livrá-los do vício. Se começar cuidadosamente, em caráter experimental, nos grandes centros urbanos onde a droga está mais disseminada, pode dar certo. Se não der, suspenda-se. Sabemos os riscos de um programa desses mal gerenciado. Mas valeria a pena tentar. O comércio criminoso ficaria prejudicado, com a fuga de clientes cativos para o "programa de droga gratuita". Novas chances de recuperação estariam inaugurateadas.

Todas estas medidas enfrentam o problema pelo ataque à demanda e à lucratividade do tráfico, até que ele chegue a ser um mau negócio, de elevado custo/benefício. Pensamos ser mais eficiente do que as invasões de favelas, de pífolios resultados. No mais, fazer o que se faz com qualquer tipo de crime: prender, agilizar a justiça, recuperar e ressocializar o preso pela educação e trabalho, num sistema penitenciário decente, sem celulares nas celas e, naturalmente... com cadeados nos portões.

*Editor de Fato e Razão, do Movimento Familiar Cristão - MFC

"Se me oferecessem a sabedoria com a condição de não transmiti-la a ninguém, eu a recusaria". Sêneca, filósofo grego.

A identidade do cristão leigo nos dias de hoje carrega todo um problema de dificuldade de definição.

A identidade crística do leigo

Maria Clara Lucchetti Bingemer*

Por um lado, existe a tendência do simples fiel ser reconhecido dentro da comunidade eclesial pelo negativo, ou seja, por aquilo que não é (não é ordenado, não é religioso, não é alguém especial na comunidade, etc.)

Ao lado disso está a tendência a considerar o cristão leigo como um cidadão "menor" dentro da comunidade eclesial. Alguém que sabe menos, que é chamado simplesmente a receber o que outros lhe ensinam, que não toma iniciativas nem decisões.

Apesar disso, sempre houve leigos e leigas que se fizeram visíveis na linha de frente da Igreja, assumindo trabalhos e serviços de grande importância e levando uma vida de autêntica santidade.

Hoje, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, acontecido no começo dos anos 60, assiste-se à emergência de inúmeros destes leigos, homens e mulheres, dentro da Igreja, assumindo serviços e ministérios antes somente exercidos por sacerdotes e religiosos.

Na verdade, o cristão leigo é simplesmente um **batizado**, um

membro do povo de Deus. E pelo fato de o Batismo vir antes de todos os outros sacramentos, e ser aquele sacramento que dá base e condição de existência à vida cristã, o leigo vai encontrar nele o caminho para pensar e viver sua vocação e sua identidade.

Dizer quem é o cristão leigo hoje, portanto, exige recuperar a concepção batismal do Novo Testamento com toda a sua força e radicalidade. Isso permite que o cristão batizado encontre nova chave de interpretação para sua cidadania eclesial.

Cristão sem adjetivos, o leigo é, portanto, cidadão pleno do Povo de Deus, membro pleno de uma comunidade onde o Espírito distribui Seus carismas com criatividade sempre surpreendente, fazendo com que todos e cada um se sintam responsáveis pela construção e crescimento dessa mesma comunidade.

O significado mais profundo do Batismo cristão é o de uma verdadeira morte e acesso a uma nova vida. Ou seja, de uma

mudança radical de vida e na vida (cf. Rom 6,3-5 // 1 Cor 10,2).

O morrer com Cristo acontecido no Batismo significa morrer ao mundo, à ordem estabelecida como fundamento da vida do homem, aos poderes que escravizam, à vida em pecado, à vida para si mesmo (Gal 6,14; Rom 7,6; 2 Cor 5,14-15).

Trata-se, portanto, de uma ruptura radical e de uma entrega a um novo modo de viver e proceder que é totalmente centrado e enraizado em Jesus Cristo.

A partir deste "evento" tão radical e profundo, viver em Cristo implicará - como diz São Paulo - ser entregue continuamente à morte por causa de Jesus para que a vida de Jesus transpareça em nosso corpo mortal (cf. 2 Cor 4,11; Col 1,24). Implicará, em suma, morrer para si mesmo e viver para Ele e como Ele.

Ser batizado, portanto, - o que é sinônimo de ser cristão e, portanto, de ser um cristão leigo - implica assumir na própria vida o destino de viver servindo os outros, saindo de si; de morrer pelos outros, de dar a vida pelos outros; de viver, em suma, o destino da pró-existência levada até o fim como Jesus Cristo viveu.

Ser batizado significa, portanto, estar enxertado até as últimas consequências no mistério da encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Significa, então, assumir uma identidade que é a sua: uma

identidade crística.. A identidade e missão do leigo nestes tempos que vivemos vem sendo, então, cada vez mais, recriar hoje e sempre a história de Jesus de Nazaré, de forma inovadora e adequada à personalidade de cada um, à cultura e aos tempos.

Sendo antes de tudo, um batizado, e portanto, um consagrado, essa primordial consagração transforma o cristão leigo num instrumento direto de Cristo e seu amor. Ele ou ela não é nem nunca foi nem será cidadão de segunda categoria na Igreja, consumidor apenas dos bens espirituais e eclesiais. Mas cidadão pleno, participante ativo, receptor de um serviço e um ministério que o faz atuar "in persona Christi" (Gal 2,20; Rom 8,10-11; 13,7-8).

A identidade do leigo - *identidade crística* - consiste em sua personalidade humana, sua condição de cristão batizado, assumida em Cristo e concretizada pelo Espírito. Cada ano, no Domingo de Cristo Rei, quando a Igreja celebra o Dia do Leigo, fechando o Ano Litúrgico e antes de entrar no Tempo do Advento, todos os batizados são chamados a renovar seu compromisso batismal, ou seja, o compromisso de viver no mundo como Jesus Cristo viveu, recriando suas atitudes e repetindo seus gestos. E sobretudo, amando com um coração semelhante ao seu.

*Teóloga

"Quem começou, tem metade da obra executada". Horácio.

Um outro mundo é possível

Marcelo Barros*

O papa João Paulo II declara: "Nenhuma guerra é santa ou justa. Só a Paz é um caminho justo para a humanidade. A Paz é um nome de Deus". Ele convidou recentemente representantes das mais diversas religiões, no mundo, para se reunirem em Assis, para uma oração pela Paz.

O teólogo Hans Küng insiste: O mundo não terá Paz se as religiões não aprenderem a dialogar e colaborar para criar uma cultura de Paz, Justiça e Defesa da Criação. Nessa tarefa, as Igrejas cristãs devem tomar a iniciativa, elas que, tantas vezes, foram intolerantes e cruéis com dissidentes e crentes de outras culturas.

Uma das raízes da cultura da intolerância e da violência é a própria imagem que as religiões ainda têm de Deus. Quem vê a Deus como todo-poderoso e diz que ele condena as formas de outros povos adorá-lo, facilmente realiza

cruzadas e guerras. Líderes religiosos como o Papa e o Dalai Lama insistem que Deus é Paz e Compaixão. Trabalham para que, nas comunidades religiosas, se superem as discriminações entre classes sociais (ricos e pobres), castas religiosas (clero e leigos) e entre gêneros (homem e mulher).

Devemos reler as escrituras sagradas. Jesus, judeu fiel ao judaísmo, traduziu e reinterpretou os textos antigos e algumas páginas bíblicas nas quais ainda aparecem imagens de um Deus guerreiro e violento que castiga os inícius e manda ao fogo eterno seus inimigos. Revelou a Deus como ternura maternal e amor incondicional.

Como mãe que educa seus filhos e, para cada idade das crianças, tem atitudes pedagógicas próprias, Deus se revela progressivamente.

Nós, cristãos, cremos que, na pessoa de Jesus, Deus revelou-se plenamente como pessoa humana e amiga. Jesus mostrou-se fiel e obediente a tudo o que vinha do Pai, mas disse: Ouvistes o que foi dito aos antigos. Eu, porém, vos digo diferentemente.

Ele nos ensinou a sempre ver Deus no amor e no perdão e não na vingança e na dureza. Deus faz nascer o sol sobre os bons e sobre os maus e dá o seu amor a todos.

*Monge beneditino, escritor.

Frase cínica mas... "Acabar com a corrupção é o objetivo supremo de quem ainda não chegou ao poder." (Millôr Fernandes).

Na casa da vovó

Maria Helena Brito Izzo

Por causa da liberdade que os avós têm para amar, eles estabelecem com os netos um relacionamento solto, sem obrigações, preocupações ou cobranças. Pai e mãe dão colo, mas precisam educar. Avô e avó são só para dar colo. E, atualmente, eles conseguem estar ainda mais próximos dos netos, pois procuram ter uma cabeça aberta e um posicionamento sintonizado com o mundo de hoje.

Por isso, as crianças gostam tanto de estar com os avós e a casa deles é um dos lugares mais gostosos do mundo. Nela, pode-se tomar dez sorvetes num dia, fixar acordado até de madrugada, brincar e bagunçar na sala. Afinal, avós e netos podem só se curtir. É claro que eles corrigem quando um netinho faz algo errado ou perigoso, mas não são obrigados a educar e castigar.

Para os mais velhos, essa convivência é fonte de vitalidade,

afetividade e reciclagem de vida. Para a criança e o jovem, o avô e avó representam a condescendência, os exemplos de vida e as raízes que fundamentam sua existência. Além disso, quando estão com os netos, os avós têm todo o tempo disponível para jogar, brincar, passear, contar casos e ouvir. Seu amor é doce e incondicional, e eles viram crianças de novo, conseguindo transmitir aos netos experiências, sabedoria e valores de forma diferente da dos demais adultos.

Laços de família

É também na casa dos avós que, em geral, convive-se com a grande família, aquela que inclui primos e tios, às vezes até de segundo e terceiro graus. Nessas oportunidades, conhecem-se pessoas de diferentes personalidades e diversas manifestações de amor, compromisso mútuo, camaradagem, união, riso e choro. Isso constitui uma experiência fundamental para a formação das novas gerações.

O relacionamento com os parentes da família ampliada proporciona aos mais jovens segurança e alegria, que não São encontradas em outros ambientes. Eles ficam sabendo

que, além do pai e da mãe, podem contar com pessoas que conhecem a sua história familiar, com quem têm certo vínculo afetivo e que lhes abrirão uma porta, dando refúgio, caso necessitem.

Além disso, aprende-se muito com os exemplos e a observação das diferenças entre os familiares. Nessa grande família, vivenciam-se trocas, brigas, lutos, alegrias, desentendimentos mas, sobretudo, a experiência de gente e de vida. É um dos poucos ambientes em que ainda se encontram as várias gerações: dos avós e tios mais velhos aos pequeninos que acabam de nascer e adolescentes que estão testando todos os valores e limites.

Há uma enorme riqueza nesse convívio, que, às vezes, acontece com harmonia; outras, com ressentimentos; mas nunca com indiferença. Existem discussões; às vezes, problemas; mas, acima de tudo, vive-se. Com os parentes, aprende-se a amar e a perdoar. Têm-se vários exemplos: o do tio cafajeste e mau-caráter e do bom modelo; o da tia chata, implicante ou briguenta e do primo amigão, alegre e sempre pronto a colaborar. Em um ambiente assim, a gente se vê como num espelho, e as pessoas são mais verdadeiras.



Mesmo que nem tudo seja transparente e existam assuntos sobre os quais as pessoas falem ás escondidas, tudo está lá para ser observado e vivido.

Em geral, nas famílias em que não existem avós, esses vínculos se perdem. Além disso, o clima de fraternidade, amizade e entendimento, normalmente, é construído pelos membros mais velhos da família e depende muito de como os próprios avós se relacionam com os parentes. De qualquer forma, nas famílias que esse convívio existe, ele deve ser considerado como uma dádiva especial a ser conservada com muito carinho.

*Terapeuta clínica e familiar.

"O avião é um invento interessante, mas não vejo nele qualquer utilidade militar." (Marechal Ferdinand Foch, professor de estratégia da Escola Superior de Guerra da França, 1911)

A função da família

Seria interessante que pais e filhos sentassem à mesa e juntos identificassem quais os pontos positivos e negativos da família que vêm colaborando com a satisfação e/ou com o fracasso dos jovens. E que, além de reforçar o que ela tem de bom, a família fosse rigorosa ao questionar-se sobre sua participação na construção da sociedade.

Não estaria passando aos adolescentes a idéia de que a família se basta e não é responsável pela construção de uma sociedade mais justa?

Fazer política é um compromisso de toda a sociedade, inclusive da família. Em relação à política, os adolescentes refletem a apatia dos adultos.

*Terapeuta de Família. Mestre em Psicologia.

- ❖ Também se constata essa apatia nos adultos, jovens e adolescentes na nossa cidade? Se é assim, quais as explicações possíveis?
- ❖ O que poderia contribuir para um compromisso maior de todos pela promoção do bem comum?
- ❖ Existem na nossa cidade entidades que abrem oportunidades para uma atuação socio-política dos jovens e adolescentes? E para os adultos?
- ❖ O que têm feito as famílias, a Igreja e seus movimentos neste sentido?

A voz dos adolescentes

Deonira L. Viganó La Rosa*

Nas últimas décadas vínhamoos publicando um sem número de opiniões a respeito dos adolescentes brasileiros, em muitas áreas revelando mais os nossos sentimentos e pontos de vista do que os reais sentimentos e opiniões dos jovens.

Mas agora os adolescentes podem sentir-se valorizados. O UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) ouviu 5280 jovens, de 12 a 17 anos, de diferentes raças e classes sociais, em todas as regiões do Brasil. Foram levantadas suas opiniões sobre educação, família, trabalho, lazer, cultura, pobreza, violência, drogas, sexualidade, sonhos e expectativas.

A primeira constatação da pesquisa é de que existem diferentes adolescências nesse imenso país, por isso não foi traçado um perfil do adolescente brasileiro. Desenhar um único perfil seria reduzir os diferentes a iguais, revelando postura autoritária. A diversidade das vozes dos adolescentes ficou registrada,

clamando por políticas públicas adequadas às diversas realidades.

A família é "tudo"

Se há diversidades, também aparecem altas coincidências entre

as respostas dos adolescentes brasileiros. Sobre família, por exemplo, a pesquisa trouxe uma surpresa: revela que "a família está em alta" e é considerada por 95% dos jovens entrevistados como a *instituição mais importante*, em comparação com outras como escola, igreja, polícia, governo e partidos políticos.

Estar em família é, para 70% dos garotos e garotas, a maior fonte de felicidade. E, indagados sobre "quando é que se sentem mais tristes", 61% responderam que é quando brigam com a família.

É na família que 90% dos jovens entrevistados se sentem mais respeitados em seus direitos.

Entretanto, alguns resultados da pesquisa preocupam: 14,2% dos adolescentes dizem já ter usado alguma droga ilícita e há um número significativo que revela gravidez.

O engajamento político está longe de ser ideal, na amostra da pesquisa.

Os jovens mostram apatia e desinteresse pelas eleições e pelos políticos. E revelam ter muito medo da violência.

Sobre o Homossexualismo

Rubem Alves

Você me fala sobre seu sofrimento por ser homossexual. Não é o fato de você ser homossexual que o faz sofrer. É o olhar dos outros, especialmente o olhar dos pais, que ainda nada sabem.

Quero lhe dizer que tenho excelentes amigos, pelos quais tenho o maior respeito, que são homossexuais. São pessoas íntegras, criativas, inteligentes, generosas. Há homossexuais que são lixo? Há, da mesma forma como há heterossexuais que são lixo, sem princípios éticos, de inteligência curta e mesquinhos. Tchaikovski, Oscar Wilde, Marguerite Yourcenar (escreveu o fantástico livro *Memórias de Adriano, o imperador romano homossexual*) eram homossexuais.

O que é homossexualismo? Uma das explicações que mais me convencem é a explicação genética, que é mais ou menos assim. No processo de definição da sexualidade de um embrião há uma série de relês que são disparados, um depois do outro: primeiro, o relê que define os caracteres sexuais primários; depois, os caracteres sexuais secundários, no fim, é

disparado o relê que irá definir a "imagem" que irá provocar as reações afetivas, químicas e hidráulicas, pré-requisitos para as experiências性uais. O fato é que a sexualidade depende de uma "imagem" que vai mexer com o meu corpo. Você já havia pensado nisso, que a sexualidade depende da estética? É uma imagem que põe em ação as reações sexuais. Pois, segundo essa teoria, o que acontece nesse processo de disparo de relês é o seguinte: para alguns o último relê é disparado, o que define como a imagem amada, a imagem do sexo oposto. Um homem será mexido pela imagem de uma mulher. Uma mulher será mexida pela imagem de um homem. Mas há casos em que esse relê não é disparado, e o corpo fica então com a sua própria imagem: o homem se comoverá afetivamente contemplando a imagem de outro homem, e a mulher se comoverá afetivamente contemplando a imagem de outra mulher.

Sendo resultado de uma definição genética, o homossexualismo, sob esse ângulo, é como o daltonismo ou como o fato de uma pessoa ser canhota. Não é



resultado de uma opção pessoal. Sendo resultado de um mecanismo genético natural, o homossexualismo não pode ser tido como pecado, da mesma forma como o daltonismo não é pecado. Pecado é só aquilo que é resultado de uma decisão pessoal. Mas o homossexualismo não é resultado de uma decisão pessoal. Não se trata, portanto, de uma "doença" que possa ser curada, da mesma forma como o daltonismo não pode ser curado. A única coisa que pode ser feita é aprender a conviver bem com essa condição.

O grande problema dos homossexuais se encontra fora deles: está nos olhos maus e zombeteiros dos outros. E os olhos

que mais fazem sofrer são os olhos dos pais.

Freqüentemente a fúria contra os homossexuais é uma defesa contra o fato de que a pessoa é, no fundo, homossexual. O filme "Beleza americana" apresenta o caso patético do coronel dos "marines" que escondia sob sua macheira um homossexual reprimido.

Alguns optam por viver na clandestinidade. Mas a clandestinidade implica a condenação ao medo permanente de ser descoberto. É preciso muita coragem para assumir a identidade sexual de homossexual.

*Psicanalista, poeta, escritor, teólogo.

**Uma entrevista imaginária
mas... muito realista.**

cara... Já olhou o tamanho das 450 favelas do Rio? Já andou de helicóptero por cima da periferia de São Paulo? O máximo que vocês

"Somos homens-bombas"

Você é traficante?

- Sou. Mas sou também um sinal de novos tempos. Como sou sujo e pobre, vocês nunca me olharam durante décadas. Eu era inofensivo, uns roubos, uns assaltos mas, tudo bem... Vocês até me romantizavam... o Mineirinho, o Cara de Cavalo... Na época, era mole resolver o problema da miséria... O diagnóstico era óbvio: migração rural, seca, desnível de renda... A solução é que nunca vinha... os políticos que passaram por aqui, o que fizeram? Nada. O governo federal alguma vez alocou uma verba para nós? Fez a tal Reforma Agrária "lá em cima" para segurar as migrações internas? Nós éramos invisíveis... Quando havia um desabamento, algo assim, éramos, no máximo, manchete de jornal e motivo de angústia para uns intelectuaisinhos como você. Agora, arranjamos emprego na multinacional do pó... E vocês estão morrendo de medo... Danem-se... Nós somos o início tardio de sua consciência social... Ha, ha!...

- Mas... a solução seria...

- Solução? A idéia de "solução" já é um erro. Não há mais solução,

podem fazer são esses movimentosinhos pela cidadania... Cadê os bilhões de dólares para uma "solução" profunda? Só que, agora, vocês não têm mais a grana... Está tudo reservado para manter a estabilidade fiscal, que pode ir para o brejo a qualquer momento... Vocês estão com um bode por fora e outro bode por dentro. O capital financeiro fora e nós dentro. E os bodes vão se encontrar no infinito sujo de vosso destino... Gostou da frase? Sou culto! Ouvi outra: "Capitalismo selvagem gera revolta primitiva." Aliás, tomara que quebre tudo... Vai ser mais fácil pra nós pilharmos vossas ruínas... há, há...

Você não tem medo de morrer?

- Estamos no centro do Insólivel, "mermão"... Vocês no "bem" e eu no "mal" e, no meio, a fronteira da morte, a única fronteira. Vocês têm medo de morrer, eu não. Nós somos homens-bomba. Na favela tem 100 mil homens-bomba... É... Já somos uma outra "espécie", já somos outros bichos, diferentes de vocês. A morte para vocês é um drama cristão numa cama, no ataque do coração... A morte para nós é o "presunto" diário, desovado numa vala... Vocês, intelectuais, não

talavam em "luta de classes", em "seja marginal seja herói?" Há, há... ai está... Vocês nunca esperavam esses guerreiros do pó, né? Esse "parangolé" todo, né? Vocês deviam era expor a gente na Bienal, como "instalação"...

O que mudou nas periferias?

- A gente hoje tem uma coisa chamada Poder... Por que transferiram o Beira-Mar para a Bangu 1? Pois é... lá ele manda... Você acha que quem tem 40 milhões de dólares não manda? Com 40 milhões a prisão é um hotel, um escritório... Qual a polícia que vai queimar essa mina de ouro? Pelo amor de Deus... nego chama ele até de "doutor", tá ligado? E se o Sr. Beira Mar "cair", imediatamente, surgirá outro, surgirão vários outros.

- Se você fosse polícia, agia como?

- Quer um "toque"? A burocracia policial segura tudo, por desorganização e de propósito. Nós somos uma empresa moderna. A gente não tem de arranjar ordem judicial, a gente não é dividido em municipal, estadual e federal; é tudo rápido, enxuto... Se funcionário bobeia, é despedido no "microondas"... Há, há... estamos ligados na tecnologia, na internet, nos armamentos sofisticados... E tem mais: se vocês tentarem acabar com a burocracia, com os atrasos administrativos, até se quiserem informatizar uma reles delegacia, vão dançar... sabe por quê? Porque a polícia "quer" o atraso... o atraso dá lucro... A polícia é feita de feudos, corporativa, delegados donos de pedaços da cidade... ninguém quer se modernizar, tá ligado?... É bom aquele clima de 1930, de carros quebrados, sem



arquivos eletrônicos... Se impessoalizar, modernizar estraga a muamba... Além disso, estamos virando superstars da mídia. A imprensa dá idéias, sugestões, enche nossa bola do crime... Vocês estão nos dando uma ideologia, sem perceber... Já tem nego aí querendo armar esquema com a Al-Qaeda, podes crer... Outro toque: por que não pegam os "barões" do pó? Tem deputado, senador, tem generais, juízes, tem até ex-presidente do Paraguai nessa parada de armas e cocaína... Essa é que é a mina de ouro, nas fronteiras... Mas, não tem polícia pra enfrentar esse poder internacional, não... A gente é mixaria... A verdadeira Guerra do Paraguai - aliás, a primeira foi uma covardia com aquele povo - vocês estão perdendo agora, tá ligado?

- Estão pensando no Exército...

- Ah... cara... Você acha que os generais vão querer acabar com aquele dia-a-dia turísticos dos quartéis, pra subir em morros de lama? Que isso, meu? Eles ficam jogando aquele basquete de tarde, marcham, tocam os clarins, cantam hinos... Mas, ir à luta com o PCC e o CV? Com risco de darem vexame? Pra quê? Eles dizem que são treinados para causas maiores, guerra profundas... Só se for com a Argentina... E também a gente já tem até foguete antitanques... Se bobear, vão rolar uns Stingers aí... Os vendedores internacionais de armas farão grandes lucros (e o consumo de drogas aumentará). Já

imaginou a gente daqui a uns dez anos? Pra acabar com a gente, só jogando bomba atômica nas favelas... Aliás, a gente acaba arranjando também umazinha, daquelas sujas mesmas... Já pensou? Ipanema radioativa? Bomba atômica é uma boa... Vocês arrasam tudo e depois as favelas se valorizam, viram bons terrenos para vender pros ricos... belas vistas... bons ares... podem até fazer Centros Culturais no Complexo do Alemão e na Maré... legal? Se não, a gente vai virar países estrangeiros... Vou fazer frase: "A miséria armada é uma outra nação, no centro do Insólivel!" Gostou? Olha, meu chapa, só generais saídos da favela, da lama, com a mesma fome de vida e morte, com o mesmo ódio que nós temos, poderiam nos vencer... Nós saímos do lixo, não temos nada a perder... Pra vencer, vocês tinham de começar reconhecendo sua derrota policial, administrativa e POLÍTICA. A guerra é a continuação perversa desta derrota, permitindo um lucro ainda maior para os banqueiros e demais donos do mundo. É isso aí.... A bandidagem perdeu o respeito pela sã polícia e da sociedade... Agora, não tem mais jeito... Pra ganhar esta guerra, vocês têm de começar o Brasil de novo... Sem dívida externa crescente, misteriosa e impagável, com um comando honesto desta casa da mãe Joana. Falei?

- Falou... !

Toda civilização supõe disciplina, é impossível criar um povo feliz sem disciplina. Estado indisciplinado tem pouca chance de sobreviver. É impossível governar um time indisciplinado, um exército indisciplinado, uma escola indisciplinada e uma família indisciplinada.

Civilização vale-tudo

Pe. Zezinho

A disciplina é questão de sobrevivência para os barqueiros que atravessam o rio, para os corredores de uma pista, para os pilotos do avião. Quebrou a disciplina, alguém corre um risco maior do que o necessário. É por isso que os motoristas precisam da disciplina, as crianças precisam de disciplina, todos precisam de disciplina, inclusive nossos animais domésticos. Tem que haver hora para as coisas e tem que haver um jeito de fazê-las sem prejudicar os outros.

Até os animais aprendem, por isso quando nós criamos uma civilização onde é permitido todo e qualquer tipo de mensagem e todo e qualquer tipo de comportamento e joga-se qualquer mensagem no ar através da televisão, sob o argumento de que o ser humano é livre para dizer o que pensa, cometemos um erro. Ninguém é livre para jogar lixo no quintal do outro, ninguém é livre para jogar gás tóxico na porta do vizinho e ninguém deveria ser livre para jogar idéias perigosas na casa onde há crianças ou pessoas despreparadas para distinguir entre o certo e o errado.

Não sou a favor da censura política e nem da censura moral, mas sou a favor do bom censo que permite e produz uma censura sensata capaz de dizer isto não pode ser permitido porque este país tem crianças. Como não é possível os pais vigiarem suas crianças 24 horas por dia, a televisão tem a obrigação de não levar ao ar qualquer coisa que possa levar uma criança a desvio de comportamento. Não é que a televisão tem feito.

Alguns programas agem como se estivéssemos numa civilização Vale-tudo e o governo permite como se estivéssemos nesse tipo de sociedade.

Toda sociedade permissiva tem o alto grau de tendência ao suicídio. Não pode sobreviver por muito tempo uma sociedade que não reage contra os seus para-militares, os desmandos de sua polícia, os abusos de seus políticos e dos seus comunicadores. É questão de acertar o controle e a disciplina. A censura é sempre algo indesejável, mas até os comunicadores que não aceitam ser censurados pedem para

- ❖ Como conciliar a imposição de limites e a educação para a liberdade?
- ❖ É possível formar uma consciência crítica pessoal e dos filhos, mesmo diante da pressão alienadora da TV? Como aproveitar oportunidades?
- ❖ Algo pode ser feito para coibir a invasão das cenas de violência e desvios de comportamento nas nossas casas? O que fazer?

DEZ MANEIRAS FÁCEIS DE CRIAR UM DELINQUENTE

1. Comece na infância a dar ao seu filho tudo o que ele quiser. Assim, quando crescer, ele acreditará que o mundo tem obrigação de dar-lhe tudo o que desejar.
2. Quando ele disser palavrões, ache graça. Isso o fará considerar-se interessante.
3. Nunca lhe dê orientação religiosa. Espere até que ele chegue aos 21 anos e "decida por si mesmo";
4. Apanhe tudo o que ele deixar jogado - livros, sapatos, e roupas. Faça tudo por ele, para que aprenda a jogar sobre os outros toda a responsabilidade;
5. Discuta com frequência na presença dele. Assim não ficará chocado quando seu lar se desfizer mais tarde;
6. Dê-lhe todo dinheiro que ele quiser. Nunca o deixe ganhar o próprio dinheiro. Por que ele terá de passar pelas mesmas dificuldades pelas quais você passou?
7. Satisfaça todos os seus desejos de comida, bebida e conforto. Negar pode acarretar frustrações prejudiciais;
8. Sempre tome partido dele contra vizinhos, professores etc. (todos têm má vontade com seu filho);
9. Quando se meter em alguma encrenca séria, dê esta desculpa: "Nunca consegui dominá-lo!"
10. Prepare-se para uma vida de desgostos. É seu merecido destino.

censurar os pichadores, os paramilitares e os que ensinam a fazer bombas. Então alguma censura admitem, desde que não seja completamente o que eles fazem.

Deixar que cada um faça o que bem entende é tão errado como proibir todo mundo de se expressar. Tem que haver um consenso. Que falem os juízes, que para isso fiquem preparados. Mas, se até eles não sabem o que fazer, então que se feche o país.

A violência de agora nasceu quando o jeitinho brasileiro decidiu que somos um lindo país porque aqui tudo acaba dando certo. Se

Desde que me entendo por gente, a escola ensina análise de textos.

Graças a essas aulas, aprendi o ufanismo de "criança, jamais verás um país como este", conheci a paixão de Tomás Antônio Gonzaga por sua Marília e deleitei-me com os poemas satíricos de Leandro Gomes de Barros, como esses versos tão atuais, escritos no início do século: "O Brasil é a panela/ O Estado bota sal,/ O Município tempera,/ quem come é o Federal".

A educação do olhar

Frei Betto*

Todo texto tece-se com os fios do contexto em que foi escrito. Quanto mais próximo encontra-se o leitor do contexto em que se produziu o texto, tanto melhor capta o seu pretexto, o significado. Um alemão tem mais condição de apreender, com a sensibilidade, o universo das obras de Goethe, assim como um brasileiro sente o perfume da culinária descrita nos romances de Jorge Amado.

Pra que serve estudar literatura? Entre outras razões, para ler com mais acuidade o livro da vida, cujos autores e personagens somos nós. Quem lê, sabe distinguir entre arte e panfleto, jogo de rimas e poesia, experimentalismo barato e ilusão de qualidade. Ler é um exercício de escuta e ausculta. Por isso, enquanto não chegam novos avanços tecnológicos, tenho a impressão de que ler livro na

Internet é como ver a foto de um entardecer de maio sobre as montanhas de Belo Horizonte. Prefiro contemplar a maravilha ao vivo.

Na adolescência tive em cine-clubes minha primeira educação do olhar. Após a exibição do filme, havia debates, onde ficava nítida a diferença entre obra de arte e mero entretenimento. Cultivava-se a sensibilidade, saturada pelas sagas melodramáticas dos pastelões de Hollywood e insaciada diante dos grandes mestres do cinema. A chatice do humor televisivo jamais produzirá um Chaplin.

Hoje, a imagem ocupa em nossos olhos mais espaço que o texto, graças à universalização da TV. No entanto, a escola parece não se dar conta de que vivemos numa era imagética, era da imagem. Ou

pior, compete com a TV em arrogante indiferença ou desprezo.

Dentro da sala de aula, ainda predomina a narrativa textual, a palavra escrita, a seqüência demarcada por início, meio e fim, marcas da historicidade. Fora da escola, recebemos a avalanche de imagens, o vertiginoso coquetel que embaralha passado, presente e futuro, a narrativa implodida pelo recorte inconcluso dos clipes, a cultura definhada em diversão vazia.

Enquanto a escola se esforça, ao menos teoricamente, para formar cidadãos, a TV forma consumidores. Se, hoje, os alunos são mais indisciplinados que outrora, é porque não podem - ainda - mudar o professor de canal...

Por que não destronar a TV como rainha do lar e levá-la para a sala de aula? Chegou a hora de nos emanciparmos do tirânico monólogo televisivo. Pode-se discordar de um jornal e escrever à seção de cartas dos leitores ou protestar no rádio, ligando para a emissora.

Como queixar-se à televisão, uma concessão pública utilizada em função de interesses e lucros privados? O melhor recurso é inverter a relação: ela passa a ser objeto e, nós, sujeitos.

Imagino os alunos em sala de aula analisando programas de

- ❖ Se concordamos com o autor, o que poderíamos fazer para usar a TV como instrumento de educação e desenvolvimento da consciência crítica? Em casa? Na escola? Nos grupos e movimentos de Igreja?

"As passagens da Bíblia que me causam problemas não são aquelas que eu não entendo mas aquelas que eu entendo..." (Mark Twain)

TV e clipes publicitários; transformando o jogo de emoções - fotos, sons, movimentos - em objetos da razão, decodificando os conteúdos dos programas e a carpintaria da produção televisiva. Atores e produtores de TV seriam recebidos em salas de aula; a qualidade dos produtos ofertados conferida; abrir-se-ia o debate sobre a "ética" implícita nos programas de auditório, onde pobres e nordestinos são ridicularizados, e na publicidade, que reduz a mulher a seus atributos físicos como isca de consumo.

Ver TV na escola é educar o olhar. E, assim, dar importante passo rumo à democratização dos meios de comunicação, pois instituições de ensino também devem ter suas rádios comunitárias e produzir vídeos.

Só um olhar crítico abre-nos o horizonte da cidadania e da democracia real. Caso contrário, corremos o risco de ver cada vez mais caras e menos corações, acreditar que a predominância da estética dispensa ética e crer que os sonhos são apenas casulos que nascem borboletas da utopia.

* Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Paulo Freire e Ricardo Kotscho, de "Essa escola chamada vida", entre outros livros.

Que benefício pode retornar a uma pessoa, ou à humanidade, o apreciar as coisas não criadas pelo homem?

Que tesouro se esconde em se fazer um artesanato, cuidar de um jardim, ou mais simplesmente, encontrar uma pedra bonita e usá-la para decorar um vaso?

Ser "naturalmente" apaixonado

Alex Gasparini*

Que perda de tempo é esta de catar conchinhas na praia, que prazer é este de subir em uma árvore, de andar descalço, de sentir-se corajoso por enfrentar as ondas do mar ou a correnteza de um rio. Que loucura é esta de achar legal tomar uma boa chuva ou perder a noção do tempo presente ao contemplar uma fogueira?

No que colaboramos para um mundo melhor ao cuidar de uma planta? Como é possível sentir-se em astral super legal, somente em afagar um cachorro, ao ver uma flor que desabrocha, ouvir um pássaro que canta, admirar intrigado a harmonia de desenhos e cores nas asas de uma borboleta, exalar a mistura excitante dos odores da mata?

Porque, para alguns, há uma sensação profunda de vitória depois de escalar uma montanha?

Reconhecer e admirar a beleza bruta da natureza, a sua perfeição absoluta, a sua superioridade, a sua gratuidade, é para o ser humano um exercício, um despertar, um constante renovar-se, um lazer e um compromisso.

Compromisso humano de colaborar na manutenção de um mundo magnificamente criado e à nossa disposição!

Compromisso de humildade.

Compromisso de ao menos tentar fazer coisas assim tão bem feitas!

Compromisso de exaltar a beleza e a pureza.

Mas o bem maior desta consciência de ver-se como parte das maravilhas criadas, é um compromisso de amar de forma mais abrangente e igualitária e, aqui vai um reconhecimento à incrível harmonia das sociedades tribais – a quem chamamos de povos primitivos – o que é verdade apenas no sentido de nos terem antecedido culturalmente.

É possível que a falta de contato direto com a terra, tenha nos desligado algo por dentro.

Talvez, amar com paixão, seja ainda algo bem mais corriqueiro nos lugares em que a natureza ainda não foi subjugada com grossas camadas de concreto, asfalto e lixo.

Sou mesmo um homem muito primitivo.

*Coordenador do MFC do ABC Paulista

Os filhos da solidão

Marcos Rolla

Chegou ao Maranhão, a VI Caravana Nacional de Direitos Humanos que aborda, desta vez, a realidade das crianças abrigadas. Já visitamos, além de instituições em São Luís, abrigos e orfanatos na Bahia, em São Paulo, em Curitiba, em Porto Alegre e região metropolitana. Iremos, ainda, ao Rio de Janeiro.

A viagem nos permitiu um contato com uma realidade ainda hoje rigorosamente desconhecida. Em nosso país, são centenas de milhares de crianças institucionalizadas que aguardam a adoção, um sonho cada vez mais improvável para a maioria delas. Nossas tradições culturais não desenvolveram uma cultura de adoção. Os poucos casais que decidem-se por adotar uma criança procuram, invariavelmente, bebês recém nascidos, preferencialmente brancos, sadios e perfumados.

As crianças maiores, abandonadas, negligenciadas ou vitimadas pela violência ou abuso sexual, estão em regra condenadas a crescer dentro de instituições. Ali, por melhor que seja o trabalho desenvolvido, por maiores que sejam os esforços e a generosidade dos que lhes oferecem atenção e cuidado, essas crianças estarão desprovidas do fundamental: carinho e referência familiar.

Conversei, demoradamente com dezenas delas. Devo dizer que é muito dolorido. Ao contrário dos presídios, dos manicômios e mesmo das FEBEMs, a sensação quando da saída dos abrigos não era de indignação ou revolta, mas, apenas de uma avassaladora tristeza.

Os pequenos te cercam, perguntam se você será o pai delas, disputam o seu colo ou a garupa como que implorando pelo toque físico, te convidam para voltar, te perguntam se você irá passear com elas. Meu Deus!

Em São Luís, em um quarto de um abrigo onde dormiam cinco meninas pequenas, perguntei o que elas mais gostavam de fazer. Responderam que gostavam de brincar de boneca, mas que as bonecas ali eram "para enfeite". Não entendi a resposta. Foi quando uma apontou para o alto e pude ver uma dezena de bonecas, dentro de suas caixas, fixadas bem ao alto da parede, como que decorando o ambiente. Uma monitora esclareceu que as crianças estragavam muitos brinquedos e que as bonecas permaneciam nas caixas para serem entregues aos poucos...

Falei então, para as crianças que bonecas não podem ficar dentro de caixas porque adoecem e, ato contínuo, para espanto da monitora

e alegria das meninas, "libertei" todas elas.

A passagem é tão somente simbólica do que é um orfanato típico, mesmo que tenha o nome de "abrigo". Vimos, também, coisas boas e compartilhamos algumas experiências emocionantes de dedicação e afeto entre "cuidadores" e crianças.

Nada, entretanto, pode contornar o drama vivido por aqueles que são os filhos da solidão. Só o gesto permanente da adoção, sinal maior de solidariedade que se pode produzir, é capaz de enfrentar o problema.

O desafio que decidimos encarar, então, é este: como formular uma política pública capaz de, por um lado, prevenir o abandono e, por outro, estimular a adoção?

**Ex-Deputado Federal*

- ♦ Esta situação existe em nossa cidade? Conhecemos como são tratadas as crianças em orfanatos na nossa região? Adoção é comum?
- ♦ Podemos colaborar para que mais adoções aconteçam?



Só o gesto permanente da adoção, sinal maior de solidariedade que se pode produzir, é capaz de enfrentar o problema dramático dos filhos da solidão.

Castelos de areia

"Duas crianças brincavam na praia, fazendo um bonito castelo de areia a quatro mãos. Quando o castelo estava quase pronto, veio uma onda mais forte e derrubou toda a obra.

Pensei que as crianças começariam a chorar de desespero. Nada disso. De mãos dadas, fugiram rindo da onda, como parte da brincadeira.

Logo as ondas se acalmaram, as duas voltaram alegres ao mesmo lugar e recomeçaram a construir um novo castelo. Sempre a quatro mãos. Fiquei pensando..."

(Adaptado de colaboração do MFC - Santo Antônio da Platina - PR)

"O mundo está nas mãos daqueles que têm coragem de sonhar, e correr o risco de viver seus sonhos".

Sonhos & paixões

Uma jovem mariposa de corpo frágil e alma sensível voava ao sabor do vento certa tarde, quando viu uma estrela muito brilhante e se apaixonou. Voltou imediatamente para casa, ansiosa para contar à mãe que havia descoberto o seu ideal, seu sonho mais apaixonante. Mas a mãe lhe disse friamente:

"Que bobagem! As estrelas não foram feitas para que as mariposas possam voar em torno delas. Procure um poste ou um abajur e se apaixone por algo assim. Para isso nós fomos criadas".

Decepionada, a mariposa resolveu simplesmente ignorar o comentário da mãe e permitiu-se ficar de novo alegre com a sua descoberta e pensava:

"Que maravilha poder sonhar!"

Na noite seguinte, a estrela continuava no mesmo lugar, e ela decidiu que iria subir até o céu, voar em torno daquela luz radiante e demonstrar seu encantamento. Foi muito difícil ir além da altura com a qual estava acostumada, mas conseguiu subir alguns metros acima do seu vôo normal.

Entendeu que, se cada dia progredisse um pouquinho, iria terminar chegando à estrela, então armou-se de paciência e começou a

tentar vencer a distância que a separava de sua paixão. Esperava com ansiedade que a estrela descesse e, quando via os primeiros raios da estrela, batia ansiosamente suas asas em direção ao firmamento. Sua mãe ficava cada vez mais furiosa e dizia:

"Estou muito decepcionada com a minha filha! Todas as suas irmãs primas já têm lindas queimaduras nas asas, provocadas por lâmpadas velhas. Devia deixar de lado esses sonhos inúteis e arranjar um ideal que possa atingir".

A jovem mariposa, irritada porque ninguém respeitava o que sentia, resolveu sair de casa. Mais fundo - como, aliás, sempre acontecia - ficou marcada pelas palavras da mãe e achou que ela tinha razão.

Por algum tempo, tentou esquecer, mas seu coração não conseguia esquecer a estrela e, depois de ver que a vida sem o verdadeiro ideal não tinha sentido, resolveu retomar sua caminhada em direção ao céu.

Noite após noite, tentava voar mais alto possível, mas, quando a manhã chegava, estava com o corpo gelado e a alma mergulhada na tristeza. Entretanto, à medida que ia ficando mais velha, passou a

prestar atenção a tudo que via à sua volta.

Lá do alto podia enxergar as cidades cheias de luzes, onde provavelmente suas primas e irmãs já tinham realizados seus sonhos, mas, ao ver as montanhas, os oceanos e as nuvens que mudavam de forma a cada minuto, a mariposa começou a buscar cada vez mais sua estrela, porque era ela quem a empurrava para ver um mundo tão rico e tão lindo.

Muito tempo depois resolveu voltar à sua casa e aí soube pelos

- ◆ Esta fábula tem alguma referência à missão do cristão no mundo? Que nome se dá ao sonho que inspira as ações dos cristãos?
- ◆ Como estaremos perseguindo nossos ideais e sonhos? Alguma vez já desanimamos?
- ◆ Como vivemos a esperança cristã na nossa vida pessoal, familiar, social e eclesiástica?

Historinha.

Estava ali, abandonado no mato, um brilhante. Bem perto, sobre uma folha de antúrio, uma gota de orvalho também brilhava, cintilando sob os raios do sol. Um caracol, ao vê-los, cumprimentou-os:

- Bom dia! Vocês são lindos! São parentes, não?

O brilhante ofendeu-se:

- Onde já se viu pensar que sou parente de uma simples gota de água!

Nesse momento desceu do céu um beija-flor sedento, à procura de água. Pensando que o brilhante fosse uma gota d'água, bateu o seu bico nele. Ao sentir sua dureza, exclamou:

- Oh! que pena. Pensei que fosse uma gota d'água para matar minha sede e é só um brilhante que não serve pra nada!

Mas, ao olhar para o lado, percebeu a gota de orvalho na folha:

- Esta sim, me serve!

Aproximou-se dela e saciou a sua sede.

"Acredito na importância do silêncio e seria capaz de falar horas sobre isso." Bernard Shaw, escritor inglês.

REDES DE SOLIDARIEDADE ÀS CRIANÇAS

Marcelo Barros*

A sociedade que mais glorifica a infância e a celebra em seus meios de comunicação não pode ser conivente com abusos que, no mundo inteiro, as crianças sofrem. Para construir uma sociedade de paz o primeiro passo é garantir os direitos de todas as crianças da terra.

Sempre recordaremos que em 1993, oito meninos de rua foram assassinados por um esquadrão da morte, enquanto dormiam em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Este crime bárbaro é apenas uma amostra do que, no Brasil e no mundo, milhares de crianças e menores continuam sofrendo. O ser humano continua muito cruel com o mais frágil. Existe a violência factual e gritante, mas há também uma outra, profunda e permanente: uma violência estrutural. É a crueldade dos que organizam a sociedade e a vida, de modo que se torna necessário o trabalho infantil. Recentemente o governo americano negou-se a assinar um tratado contra o trabalho infantil. É a dureza de coração dos que fecham os olhos diante da extensão do tráfico sexual de menores e da escravidão de crianças, vendidas de uma a outra região, de um país a outro. Ainda existem várias nações que usam crianças para servir ao exército. Entregam-lhes armas e as colocam nas primeiras frentes de combate, sendo elas as primeiras a morrer. Mas em nossas próprias cidades brasileiras quantas crianças são usadas no tráfico de drogas como meio de transporte barato e menos perigoso? A nossa sociedade bem-pensante é, muitas vezes, a própria fonte das agressões às crianças.

A ONU declara que, no mundo, um bilhão e meio de menores de 18 anos vivem em condição de pobreza. Destes, 150 milhões de crianças sofrem desnutrição e dez milhões são consideradas crianças de rua. Não temos o número de crianças violentadas sexualmente por adultos. Até ministros religiosos e padres têm praticado este crime, mas o caso mais freqüente é na própria família, violência pior, porque vinda de pessoas nas quais a criança confia mais, irmãos mais velhos, o padrasto e infelizmente, algumas vezes, até o próprio pai.

Falar em proteger a criança é reconhecer que a própria sociedade é agressiva. E não se trata



De um governo comprometido com as causas sociais pode-se esperar que todas as crianças brasileiras tenham acesso à escola de boa qualidade.

apenas de proteger, mas de respeitar o protagonismo da criança na sociedade. Protagonismo no sentido de capacidade de tomar iniciativa e assumir responsabilidade pela sua palavra, sua ação e sua vida.

Cada vez mais surgem organizações de crianças e principalmente entre as mais pobres. Através destas, elas se põem de pé e tomam a palavra, expressando o seu olhar próprio sobre a realidade.

Quem não se recorda dos Encontros de Meninos de Rua, preparados, organizados e conduzidos por eles mesmos, capazes de concluir com declarações e decisões que a todos impressionam.

Quem se liga à tradição religiosa judaico-cristã tem razões suplementares para valorizar isso, pois a Bíblia pôs a criança no centro de nossa fé. Basta abrir o livro e a

gente lê. Todo o povo de Israel descendente de Isaac, filho prometido a Abraão, enquanto os árabes descendem de Ismael, criança protegida pelo Anjo de Deus. Moisés, recém-nascido e salvo das águas, tornou-se instrumento da libertação do povo de Israel. Davi foi escolhido como rei quando era simples adolescente. Jesus deixou que as crianças o tocassem e disse: Quem quiser acolher o Reino tem de se tornar como uma criancinha (Mc 10, 15).

Um espiritual dizia: Não é que a Bíblia nos fale muito da criança. É a criança que nos fala de Deus. É preciso acolher, respeitar e integrar as crianças.

* Monge beneditino, autor de 26 livros, dos quais o mais recente é "O Espírito vem pelas Águas" (A crise mundial da Água e a Espiritualidade Ecumênica) Ed. CEBI- Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

REDES DE SOLIDARIEDADE ÀS CRIANÇAS

Marcelo Barros*

A sociedade que mais glorifica a infância e a celebra em seus meios de comunicação não pode ser conivente com abusos que, no mundo inteiro, as crianças sofrem. Para construir uma sociedade de paz o primeiro passo é garantir os direitos de todas as crianças da terra.

Sempre recordaremos que em 1993, oito meninos de rua foram assassinados por um esquadrão da morte, enquanto dormiam em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Este crime bárbaro é apenas uma amostra do que, no Brasil e no mundo, milhares de crianças e menores continuam sofrendo. O ser humano continua muito cruel com o mais frágil. Existe a violência factual e gritante, mas há também uma outra, profunda e permanente: uma violência estrutural. É a crueldade dos que organizam a sociedade e a vida, de modo que se torna necessário o trabalho infantil. Recentemente o governo americano negou-se a assinar um tratado contra o trabalho infantil. É a dureza de coração dos que fecham os olhos diante da extensão do tráfico sexual de menores e da escravidão de crianças, vendidas de uma a outra região, de um país a outro. Ainda existem várias nações que usam crianças para servir ao exército. Entregam-lhes armas e as colocam nas primeiras frentes de combate, sendo elas as primeiras a morrer. Mas em nossas próprias cidades brasileiras quantas crianças são usadas no tráfico de drogas como meio de transporte barato e menos perigoso? A nossa sociedade bem-pensante é, muitas vezes, a própria fonte das agressões às crianças.

A ONU declara que, no mundo, um bilhão e meio de menores de 18 anos vivem em condição de pobreza. Destes, 150 milhões de crianças sofrem desnutrição e dez milhões são consideradas crianças de rua. Não temos o número de crianças violentadas sexualmente por adultos. Até ministros religiosos e padres têm praticado este crime, mas o caso mais freqüente é na própria família, violência pior, porque vinda de pessoas nas quais a criança confia mais, irmãos mais velhos, o padrasto e infelizmente, algumas vezes, até o próprio pai.

Falar em proteger a criança é reconhecer que a própria sociedade é agressiva. E não se trata



De um governo comprometido com as causas sociais pode-se esperar que todas as crianças brasileiras tenham acesso à escola de boa qualidade.

apenas de proteger, mas de respeitar o protagonismo da criança na sociedade. Protagonismo no sentido de capacidade de tomar iniciativa e assumir responsabilidade pela sua palavra, sua ação e sua vida.

Cada vez mais surgem organizações de crianças e principalmente entre as mais pobres. Através destas, elas se põem de pé e tomam a palavra, expressando o seu olhar próprio sobre a realidade.

Quem não se recorda dos Encontros de Meninos de Rua, preparados, organizados e conduzidos por eles mesmos, capazes de concluir com declarações e decisões que a todos impressionam.

Quem se liga à tradição religiosa judaico-cristã tem razões suplementares para valorizar isso, pois a Bíblia pôs a criança no centro de nossa fé. Basta abrir o livro e a

gente lê. Todo o povo de Israel descendente de Isaac, filho prometido a Abraão, enquanto os árabes descendentes de Ismael, criança protegida pelo Anjo de Deus. Moisés, recém-nascido e salvo das águas, tornou-se instrumento da libertação do povo de Israel. Davi foi escolhido como rei quando era simples adolescente. Jesus deixou que as crianças o tocassem e disse: Quem quiser acolher o Reino tem de se tornar como uma criancinha (Mc 10, 15).

Um espiritual dizia: Não é que a Bíblia nos fale muito da criança. É a criança que nos fala de Deus. É preciso acolher, respeitar e integrar as crianças.

* Monge beneditino, autor de 26 livros, dos quais o mais recente é "O Espírito vem pelas Águas" (A crise mundial da Água e a Espiritualidade Ecumênica) Ed. CEBI- Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

Diferenças culturais nuances e detalhes

Ana Maria Machado

Pouco dias depois da queda do World Trade Center, ouvi uma historinha interessante. Um noticiário na televisão informou que Bush intimara o Afeganistão a entregar imediatamente o saudita Osama Bin Laden, protegido em seu território. Um menino ouviu a notícia e comentou:

"Esse cara nunca leu uma história das *Mil e Uma Noites*. Se tivesse lido, sabia que não adianta pedir isso. Vai contra as leis da hospitalidade".

Havia outra coisa que esse cara também não sabia. Pelo jeito, além de não ler, nunca fez uma transação comercial com alguém do Oriente Médio ou da Ásia Menor. Seja num bazar de Istambul, na *cashbah* do Marrocos ou por aqui mesmo, nas ruas cariocas da SAARA, ou na 25 de Março em São Paulo, com toda certeza *aquele cara* nunca se viu diante de alguém como o máscate sírio-libanês ou o chamado turco do armário. Porque nesse caso saberia que, nessas ocasiões, preço fixo não tem a menor graça, e todo o prazer de uma negociação está justamente... em negociar. Um dá o preço, o outro chora, o primeiro cede, o segundo

finge desinteresse, o vendedor se lamenta e insiste, o comprador ameaça ir embora, sai pela porta afora, o outro vai buscá-lo na rua... De pechincha em pechincha, chega-se a um acordo e sai todo mundo contente. Demora, mas nesse caso tempo não é dinheiro. Não tem essa de "condição inegociável." Porque quando tem, não se faz negócio.

É claro que os atentados foram injustificáveis e revoltantes. Bradam aos céus e exigem justiça, apuração e punição exemplar dos culpados. Mas em termos de eficiência, se o objetivo era tentar alguma chance de que os talibãs entregassem Bin Laden para julgamento, era preciso um mínimo de negociação - como, por exemplo, topar discutir que num eventual tribunal internacional houvesse alguma presença islâmica. Ou algo semelhante. Coisa para diplomata, não para caubói.

Enfim, esse momento já passou. A guerra aconteceu. E, como assinala o especialista norte-americano James Fallows em entrevista à revista Época, os Estados Unidos podem ter atacado para valer, mas o Afeganistão acabou claramente ganhando a guerra da propaganda. Porque Bush e os americanos não entendem nada de diferença cultural. Como logo percebeu o menino, eles nunca leram a cultura islâmica. Bin Laden leu muito bem e aprendeu tudo sobre a cultura norte-americana - até porque não teve outro jeito. Ela é hegemônica, ocupa todos os espaços, não deixa escolha nem alternativa. A não ser para os povos submetidos a um fundamentalismo que proíba tudo. Mas os ricos e poderosos como Osama sempre têm seus recursos e escapam a essas situações.

Por outro lado, os filmes, livros e músicas de países menos desenvolvidos não são vistos nem ouvidos nos países ricos - a voz fraquinha dos pobres não chega lá. Menos de 1% do que se publica para crianças e jovens nos Estados Unidos foi escrito originalmente numa língua diferente do inglês. E desses, a quase totalidade é de clássicos europeus e contos de fadas tradicionais. Os americanos podem levar anos na escola, mas saem de lá ignorantes sobre o resto do mundo. Não fazem a menor idéia de como se vive nos lugares que não têm poder. Talvez quem gosta de falar mal das viagens de Fernando Henrique ache que o ideal é ser como Bush: segundo publicou a imprensa na ocasião, ele foi eleito presidente sem jamais ter viajado ao

exterior. Pessoalmente, acho essa ignorância assustadora e perigosa.

Mas mesmo sem passar o dia plugado na banda da vez ou sentado na frente da tevê assistindo às *sitcoms* ou aos seriados americanos que se sucedem, o mundo inteiro sabe que as pessoas no ocidente industrializado viajam maciçamente de avião, andam de automóvel, fazem compras com cartão de crédito, usam correio para tudo. Conhecem os usos, costumes e valores dos Estados Unidos. Foi esse conhecimento que Bin Laden usou para dar o máximo de eficácia a seus objetivos.

Qualquer criança medianamente exposta à cultura de massa, em qualquer lugar do mundo, sabe que, nos Estados Unidos, o sujeito, ao ser preso, tem o direito de chamar um advogado e de permanecer calado. E que, se resolver não falar, é presumido inocente até que apareça uma prova em contrário. Então, os suspeitos de cumplicidade com os atentados só têm que ficar de boca fechada. Podem não ter culpa nenhuma. Mas mesmo que sejam culpados, se não deixaram rastros podem ter a certeza de que vão ser soltos. Simples questão de tempo. E ainda podem pedir indenização e denunciar a arbitrariedade. Não vai faltar amplificador.

Qualquer um sabe ainda que, numa democracia de tipo ocidental (até outro dia chamada de "burguesa", para distinguir da "popular"), a opinião divergente é respeitada e tem espaço para se manifestar - como acaba de comprovar a fina flor da intelectualidade ocidental, de Susan

Sontag e Noam Chomsky a Celso Furtado.

Mas quase ninguém sabia que em outros países as mulheres são tratadas em condições inimaginavelmente degradantes, que neles é possível condenar alguém à morte pela acusação de querer difundir o cristianismo, ou que um bando de fanáticos no poder podia ser surdo a todos os apelos e destruir estátuas milenares, um patrimônio artístico da humanidade, apenas porque os budistas não foram visitados pela luz da fé considerada única aceitável em outra cultura. De repente, o mundo teve que aprender à força que, lá por aquelas bandas, os valores são outros.

O espaço dos discordantes não é o mesmo que lhes confere um regime herdado do iluminismo, baseado em três poderes independentes, direitos humanos, liberdade de opinião, representação popular por meio de eleições. E ninguém é considerado inocente se não seguir ao pé da letra a opinião oficial.

Essas coisas de respeito ao direito são características apenas da democracia - ao mesmo tempo sua força e sua fraqueza, seu ônus e seu bônus. E é isso que está em jogo agora, cada vez que os falcões crescem e mostram as garras, tentando aproveitar a chance para endurecer e diminuir as liberdades civis nos Estados Unidos.

Numa das mais lúcidas manifestações de um intelectual logo após o 11 de setembro, Veríssimo escreveu sobre nuances. Lembrou que temos que dizer "Espera aí, não é bem assim". E

depois de uns cinco perais, começar a tentar ver o outro lado. Nunca é bem assim e tem sempre um outro lado. Insistir nessa ressalva talvez seja o mínimo que cada um de nós deva fazer no momento.

Vale a pena observar de perto algumas dessas nuances, na cobertura da mídia. A televisão tem nos mostrado imagens de multidões que se manifestam, de modo bem diferente. Algumas - com ampla presença feminina - pedem paz e acenam lenços brancos. Outras - com exclusiva presença masculina - pedem guerra e brandem armas. Ambas são mostradas da mesma maneira. Mas os estragos não foram mostrados com o mesmo equilíbrio.

Apenas nuances? Por pudor, respeito aos ricos, sabe-se lá o que, embora enchessem as telas com os famintos e mutilados do Afeganistão, os noticiários não mostraram as imagens que tinham, em close, de Nova York. Imagens de gente em desespero pulando das torres. Ou de pedaços de cadáveres nos escombros do WTC.

Evitaram, melindrosos, todas as referências ao fedor dos corpos em decomposição, entranhado por todo o sul de Manhattan. A pretexto de recusar o sensacionalismo, omitiram esses detalhes que não são de bom tom e podiam ofender olhos e ouvidos mais delicados.

Houve quem se indignasse a ouvir falar em mais de 6000 assassinatos, repudiando essa classificação, como se os corpos fossem de acidentados. Pudicamente, passamos todos a chamar o episódio de atentado (quando não foi tentativa, mas resultado) e não de massacre,

chacina ou carnificina. Como se esses nomes de mau-gosto ficassem reservados para os casos em que os mortos são pobres.

Talvez meras nuances mas, graças a elas, aos poucos, a condição de vítima vai sendo esquecida, e vão todos os norte-americanos se transformando em carrascos, dificultando a lembrança da clareza de Camus: "O mundo está sempre dividido entre carrascos e vítimas e eu quero estar a cada momento ao lado da vítima".

Como se ainda fosse pouco, por cima de tudo ainda vem a pressa da patriotada ianque, que rapidamente tratou de transformar o indiscutível sofrimento solidário que se alastrou pelo planeta em pretexto para um espetáculo fanfarrão, que repele adesões e confunde com a pátria imperial o que deveria ser fraternidade e compaixão, irmandade com seres humanos em dor, de qualquer lado. Sem a visão de estadista, a sede de justiça se transformou em rancor desenfreado e ânsia de afirmação exibicionista. O mito do justiceiro do oeste deu lugar ao Rambo truculento.

A bravata também faz parte da cultura norte-americana, inebiada de autosuficiência... Ao ponto de se tomar como sinônimo de América, como se todos os outros países deste hemisfério fizéssemos parte de algum outro continente.

As culturas são diferentes e têm que ser respeitadas em sua pluralidade. Cada uma tem seus valores e nenhuma pode achar que é a única certa, dona da verdade

absoluta. Mas a arrasadora hegemonia cultural norte-americana no mundo contemporâneo mal deixa espaço para que as manifestações alheias se espalhem. Sem conhecer os outros, os Estados Unidos acabam se comportando dessa forma auto-suficiente, de quem acha que se basta, é o umbigo do mundo, e o planeta que se dane - dando as costas para os compromissos propostos no protocolo de Kioto, por exemplo. Terminam por dar a impressão de arrogantes e prepotentes, sem ligar para mais ninguém. E se encarregam de destruir a lembrança de que derrubaram Hitler, ao apoiar ditadores pelo mundo afora sempre que é do interesse de seu bolso.

Mais que nunca, essa cultura de massa imposta pela força econômica tem que abrir espaços para outras vozes. E por outro lado, mais que nunca, as culturas ditas periféricas têm que procurar se afirmar. Antes de mais nada, dentro de nosso próprio território. Não por um movimento de virar as costas ao outro. Mas para enriquecer a troca humana.

Se uma cultura nacional não tem densidade e consistência, então o que vem de fora é apenas invasão. Mas se ela está forte, as importações são alimento e energia nova, bem-vindos ingredientes de novas sínteses. Material de troca e fecundação, no confronto de detalhes e nuances.

A participação não é somente um instrumento para a solução de problemas, mas é uma necessidade fundamental do ser humano, como o sono, a comida, a saúde.

Formação participativa

Deonira Vigaño la Rosa e Equipe

O homem é um "sujeito": sujeito de seu amor, de sua educação, de sua história, e a participação são seu direito e é o caminho natural para que ele se firme a si mesmo. A prática da participação envolve a satisfação de outras necessidades, não menos básicas, como a interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros.

A participação se funda também na teologia: o homem é imagem e semelhança de Deus, que é Trindade, é relação. "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança..." Não é bom que o homem esteja só..."O homem é um ser de relações".

O próprio Evangelho e alguns documentos da Igreja, especialmente os do Concílio Vaticano II, explicitam que nossas práticas somente serão cristãs se forem humanas e humanizadoras. Tornar-se humano e humanizador supõe a participação.

Pode-se entender a participação também sob o ponto de vista sociológico: O homem é um ser que vive em sociedade. Sociedade quer dizer

grupo de sócios e ninguém é sócio se não participa, ainda que em graus e maneiras diferentes.

A participação facilita o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade. O homem é um ser capaz de indagar, opinar, coproduzir e reivindicar o que necessita para levar uma vida digna:

Pela participação, consegue-se resolver problemas que a um indivíduo sozinho parecem insolúveis.

Do ponto de vista da democracia e da cidadania, a participação garante a escolha das autoridades pelo voto e o controle das mesmas por parte do povo.

O primeiro grau da participação é o direito à informação. O mais alto grau de participação se encontra na autogestão, isto é, numa relativa autonomia dos grupos em relação aos poderes constituídos. Autonomia que não significa anarquia, pelo contrário, implica no aumento do grau de consciência política dos cidadãos. O participativo é altamente organizado e não se apresenta como caos.

A participação tem ainda o respaldo da psicologia: a responsabilidade e a participação são circularmente relacionadas, isto é, interagem de tal forma que o crescimento de uma significa o crescimento da outra, e vice-versa.

Pode-se dizer, então, que a participação tem uma base afetiva – o prazer de fazer coisas com os outros – e uma base instrumental – fazer coisas com os outros muitas vezes é mais eficaz e eficiente que fazer coisas sozinho.

De tudo o que se disse,

DECORRE:

Há uma inter-relação entre humanização e participação, prática humana-humanizadora e prática cristã.

Portanto, há uma inter-relação entre prática cristã e prática participativa.

É importante destacar que, assim como não somos plenamente cristãos, não somos plenamente humanos, nem totalmente humanizadores e, por conseguinte, não somos plenamente participativos.

O desenvolvimento participativo requer uma formação participativa. Participar é algo que se aprende e se aperfeiçoa. Converter-se à participação é um desafio, é um processo que acompanha a vida do homem. Para que casa um de nós se converta à proposta participativa são necessárias mudanças na compreensão do papel das pessoas e das relações inter-humanas e também de nossos métodos de trabalho. Se as pessoas são os "sujeitos" do

desenvolvimento, se são forjadoras de seu próprio destino, então o desenvolvimento dos recursos humanos adquirem características mais importantes do que as que ostentam o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento técnico.

A prova de fogo da participação não é quanto se toma parte, mas, como se toma parte. É importante distinguir os processos de micro-participação (limitada a grupos reduzidos) e de macro-participação (aquele que consegue sair dos pequenos grupos para atingir a sociedade mais ampla).

Participar não significa apenas ser democrático na família, fazer parte de equipes de reflexão, desenvolver trabalhos em grupos, ser membro da associação de bairro, ... Participar socialmente implica intervir nas lutas sociais, econômicas e políticas de seu tempo. Macro-participação compreende a intervenção das pessoas nos processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade.

O conceito de participação social é transferido do mero ativismo imediatista para o âmago das estruturas sociais, políticas e econômicas. Se a população produz, mas não usufrui, ou se produz e usufrui, mas não toma parte na gestão, não se pode afirmar que ela participe verdadeiramente.

Assim, a construção de uma sociedade participativa (macro-participação) converte-se na utopia que dá sentido a todas as micro-participações. Nesta perspectiva, a participação na família, nas equipes-base do MFC, no trabalho, na escola,

O MFC, através da prática constante e refletida da participação, colabora para o desenvolvimento de mentalidades participativas. Entretanto, é necessário ter presente que não se pode "sacralizar" a participação: ela não é indispensável em todas as ocasiões. Não é necessário que todo o mundo participe em tudo, todo o tempo. Poderia acarretar ineficiência e anarquia.

nas associações de bairro constituem a aprendizagem e o caminho para a participação a nível macro social, para a construção de uma sociedade onde não existam mais excluídos. Toda reflexão e prática desenvolvidas nas pequenas equipes tende a morrer se não se consegue fazer o trânsito (a passagem) do pequeno para o grande grupo que é a sociedade.

É nas relações interpessoais que o indivíduo se constrói como ser humano e constrói o mundo. Na discussão comunitária ele entende melhor a qualidade de suas práticas e das relações que estão subjacentes a elas. Perceberá quando as suas relações e as da sociedade são autoritárias e opressoras e quando são igualitárias, libertadoras e humanizantes.

O MFC, através da prática constante e refletida da participação, colabora para o desenvolvimento de mentalidades participativas.

Entretanto, é necessário ter presente que não se pode "sacralizar" a



participação: ela não é indispensável em todas as ocasiões. Não é necessário que todo o mundo participe em tudo, todo o tempo. Poderia acarretar ineficiência e anarquia.

Encarregar algum especialista para recolher informações ou aprofundar uma temática, delegar o poder de decisão a um ou mais representantes, entregar a um ou mais técnicos a solução de algum problema identificado pelo grupo, são ações que muitas vezes fazem parte do processo participativo.

COORDENAÇÃO PARTICIPATIVA

A participação no grupo se dá através do diálogo o qual só é possível entre iguais ou entre os que desejam tornar-se iguais como seres humanos, respeitando-se sempre a originalidade de cada um. Diferenças hierárquicas limitam o diálogo, por isso devem ser diminuídas.

Dialogar significa ouvir, compreender e respeitar a opinião alheia; partilhar a informação disponível, pôr em comum experiência vividas, tolerar discussões para chegar ao consenso; aceitar a vitória da maioria.

A participação requer uma análise da situação real: os conteúdos necessitam ser fortes e ricos, portanto de realidade. O pensamento sintético, analítico e crítico são indispensáveis e se desenvolvem na própria prática e reflexão participativas. A descoberta dos padrões de interação grupal auxilia o crescimento do grupo. Além disso, o fato de haver diferenças individuais no comportamento participativo exige uma tarefa de coordenação e complementação. A metodologia adquire um papel importante.

Todo esse trabalho pede preparação e estudo, num processo continuado. Requer também um serviço de coordenação que tem a finalidade de auxiliar o grupo a crescer.

O coordenador é um trabalhador sensível que age no grupo como colaborador e não como chefe. Enfrenta um dilema: quanto deve planejar e estruturar, a fim de evitar o caos e a sensação de falta de direção, e quanto deve deixar sem estruturar, a fim de permitir a liberdade dos participantes. Está o tempo todo diante de um desafio: como ser democrático, sem ser "laissez faire" nem autoritário?

EM SITUAÇÃO DE GRUPO, O COORDENADOR É AQUELE QUE:

* entende a coordenação (e a liderança) como um serviço ao grupo;

* participa das discussões e dá opiniões como qualquer outros elementos do grupos;

* evita completar com seu pensamento o que cada participante diz [daria a entender que o pensamento do outro não é tão completo quanto o seu ou que quer passar aos outros a sua verdade];

* respeita a diversidade de sentimentos e opiniões, sem animosidade;

* está preocupado em melhorar suas perguntas e não em dar respostas;

* faz perguntas divergentes e relacionais, e somente quando o grupo não as faz: suas perguntas são feitas de tal maneira que possibilitem mais de uma resposta; ajudem o grupo a relacionar os fatos que apresenta, encontrando as semelhanças, diferenças e possíveis contradições; permitem ver que um fato pode ser causa e ao mesmo tempo consequência do outro, etc;

* está atento ao implícito: quando o grupo não faz a leitura dos fatos ou não explicita os padrões estruturais que estão pr trás das experiências relatadas, o coordenador provoca o grupo para que o faça;

* deixa acontecer a alternância natural de coordenação/coordenação distribuída: todos são coordenadores à medida em que respondem às necessidades do grupo ou quando algum "expert" responde dando as informações que o grupo necessita;

* promove a criatividade do grupo;

* respeita a gradatividade do processo de interação do grupo;